



atos

do conselho geral

ano LXXXI outubro-dezembro 2000

Nº 373

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 373 ano LXXXI outubro-dezembro 2000

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan E. VECCHI "EIS O TEMPO FAVORÁVEL"	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Antônio DOMENECH Uma nova etapa para o Movimento Juvenil Salesiano	44
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	53
	4.2 Crônica do Conselho Geral	55
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Estréia do Reitor-Mor para o ano 2001 ...	59
	5.2 A "cultura da Família Salesiana" para realizar sinergias eficazes	59
	5.3 Mensagem do Reitor-Mor ao Fórum MJS	66
	5.4 Novos Inspetores	72
	5.5 Nomeação do Delegado Inspetorial para Ruanda-Burundi-Goma	75
	5.6 Nomeação do Delegado Central da Associação dos Cooperadores Salesianos	77
	5.7 Novo Bispo Salesiano	78
	5.8 Irmãos falecidos (2000 – 3º elenco)	79

Tradução: *P. José Antenor Velho*

SALES**IANAS**

Rua Dom Bosco, 441
03105-020 • São Paulo - SP
Fone: (0XX11) 3277-3211 • Fax: (0XX11) 279-0329
Fax/Vendas: (0XX11) 279-4084
Telex: (11) 32 431 ESPS BR
E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br
Home page: <http://www.salesianos.org.br>

1. “EIS O TEMPO FAVORÁVEL”¹

1. AS VOCAÇÕES: UM ASPECTO QUE NOS FAZ PENSAR. – Um momento fecundo. – Em sintonia com a Igreja. – A orientação vocacional da nossa renovação pastoral. – Uma nova aproximação.

2. A COMUNIDADE SALESIANA: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E PROPOSTA VOCACIONAL. – A lógica do “Vem e vê”. – A força vocacional da vida da comunidade. – A ação pastoral das comunidades. – Acompanhar. – Algumas áreas de atenção especial. – **O anjo anunciou a Maria.**

*Roma, 8 de setembro de 2000
Festa da Natividade de Maria*

Queridos Irmãos,

É impossível, iniciar esta carta sem apresentar-lhes uma palavra sentida de agradecimento pela proximidade fraterna e pela oração por ocasião da prova que o Senhor predispôs para mim.

Ele quis que resultasse de tudo uma maior união fraterna na Congregação e na Família Salesiana e que todos conhecessem o nosso irmão coadjutor Artêmidas Zatti, para cuja beatificação já se realizaram substancialmente todas as condições. Logo, portanto, o veremos nos altares.

Esta carta quer continuar o tema capitular da presença e vida da comunidade salesiana e ser-lhes de ajuda nas reflexões durante os Capítulos Inspetoriais e, mais tarde, no Capítulo Geral.

¹ Cf. 2Cor 6,2.

Já individualizáramos três dimensões em que a comunidade salesiana deve qualificar-se e apresentar-se visivelmente no ambiente: a vida fraterna, o testemunho dos valores evangélicos, a acolhida dos jovens e dos pobres.

1. AS VOCAÇÕES: UM ASPECTO QUE NOS FAZ PENSAR

Entre os temas, nos quais a Congregação se manifestou muito sensível no momento da consulta sobre o assunto do próximo Capítulo Geral, havia também o da nossa capacidade de suscitar vocações. E não erradamente. O tema foi sempre um aspecto qualificador do nosso testemunho e, por isso, retomado abundantemente com diversas acentuações no CG24: a nossa formação para o discernimento vocacional²; a promoção vocacional unitária na Família Salesiana³; a comunidade salesiana capaz de promover a vitalidade do carisma e o dinamismo vocacional, porque o vive em profundidade, consciência e radicalidade⁴; a recomendação de um acompanhamento que torne a propor as motivações vocacionais na CEP⁵. Tratava-se, pois, de uma matéria posta à atenção, a retomar.

Com mais clareza e determinação, o CG23 colocara a vocacional como uma das áreas inevitáveis de trabalho em nosso caminho de fé com os jovens⁶ e como uma dimensão qualificadora da Espiritualidade Juvenil Salesiana⁷.

Queremos rever, no interior do tema do CG25, que se refere especificamente à vida e missão de nossas comunidades, as condições de vida e ação que podem favorecer uma experiência alegre e encorajadora da vocação, uma existência que seja testemunho e profecia, um ambiente que se torne apelo vocacional para todos os que se sentissem atraídos pelo espírito e pela missão de Dom Bosco.

² Cf. CG24, 141-142.

³ Cf. CG24, 143,146.

⁴ Cf. CG24, 159.

⁵ Cf. CG24, 165.

⁶ Cf. CG23, 149-157.

⁷ Cf. CG23, 178-180.

A preocupação vocacional foi, de fato, uma das pistas que levaram à escolha do tema do Capítulo. A crise das vocações à vida consagrada, que estamos experimentando em boa parte da Congregação e da Igreja é, de certa maneira, “uma cura” salutar, no sentido de obrigar-nos a rever a qualidade de nossa vida pessoal e comunitária, o significado de nossas estruturas e de nossa organização, a possibilidade de ainda sermos hoje significativos e capazes de propostas.

Os jovens precisam de testemunhas, de pessoas e ambientes que mostrem, através de exemplos, as possibilidades de organizar a vida segundo o Evangelho em nossa sociedade. O testemunho evangélico é o primeiro serviço educativo a oferecer-lhes, a primeira palavra de anúncio do Evangelho.

Esta carta quer ser uma contribuição à revisão que as Inspetorias devem fazer. Ela quer oferecer, também, alguns elementos de iluminação para encorajar o muito que já se faz, estimular cada comunidade e irmão a empenhar-se em primeira pessoa no testemunho e proposta vocacional, e abrir horizontes para que a nossa pastoral não se limite a propostas genéricas e superficiais de empenho vocacional, nem se reduza apenas à busca de candidatos à vida salesiana fora de nossos ambientes.

O tema das vocações brotou, freqüentemente, como primeiro interrogativo ou preocupação, nos diálogos que travei com os irmãos durante minhas visitas; e não só por medo de nos extinguirmos em vastas regiões do mundo norte-ocidental, em que se constata a cada ano diminuição, envelhecimento e ingressos exíguos; talvez porque, na infecundidade vocacional se manifeste de modo vistoso seja a escassa força de atração de nossas comunidades, como também o modesto nível de profundidade da vida cristã que propomos aos jovens.

As perguntas dos irmãos voltavam-se sempre, de modo particularizado, à fecundidade vocacional de cada parte do mundo; às possibilidades de ainda ter vocações para a vida consagrada nos ambientes assim chamados fortemente secularizados e de bem-estar, marcados pela liberdade, pelas múltiplas oportunidades dos jovens, pelos projetos temporais de vida; às condições exigidas para

garantir a autenticidade e perseverança nos contextos marcados pela religiosidade popular, pela condição demográfica ainda numerosa ou pelas perspectivas limitadas de vida para os jovens. Muitos pediram para inserir esta perspectiva na reflexão sobre a comunidade no próximo Capítulo.

Essa preocupação, por outro lado, está na linha do que afirmam as nossas Constituições, que colocam a promoção das vocações entre as *finalidades da nossa missão*: “Fiéis aos compromissos que Dom Bosco nos transmitiu, somos evangelizadores dos jovens, especialmente dos mais pobres; cultivamos de modo particular as vocações apostólicas”⁸.

O art. 28 confirma-o, no capítulo que se refere aos nossos destinatários principais: “Respondendo às necessidades de seu povo, o Senhor continuamente e com variedade de dons chama a segui-lo para o serviço do Reino. Estamos convencidos de que muitos dentre os jovens são ricos de recursos espirituais e apresentam germes de vocação apostólica. Ajudamo-los a descobrir, acolher e amadurecer o dom da vocação laical, consagrada, sacerdotal, em benefício de toda Igreja e da Família Salesiana. Com igual solicitude cuidamos das vocações adultas”⁹.

Todo salesiano é, então, um descobridor e acompanhante de vocações. Cada comunidade tem esta, entre as suas finalidades principais. Deve-se submeter esse “ditado” constitucional à revisão para ver se ele orienta a ação de cada comunidade em cada Inspeção, e se inspira a ação de cada irmão. Ou se, diversamente, somos tão pouco instruídos e atentos sobre a vocação e os caminhos que tornam possível uma decisão evangélica a ponto de não conseguir levar ao amadurecimento os germes que se tinham individualizado nos primeiros encontros.

O segundo fato é a fileira de sacerdotes e religiosos saídos do Oratório, de que Dom Bosco mesmo apresenta com alegria e orgulho a estatística, como sinal da boa formação cristã de seus jovens. Transcrevemos, das *Memórias Biográficas*:

⁸ C 6.

⁹ C 28.

“Em 1883 presentes, com o P. Dalmazzo, ouvimos Dom Bosco exclamar: – Estou contente! Mande fazer uma estatística diligente, e ficou-se sabendo que saíram de nossas casas e foram trabalhar nas Dioceses mais de 2.000 sacerdotes. Sejam dadas graças ao Senhor e à sua Santíssima Mãe, que nos deram abundância de todos os meios para fazer este bem.

O seu cálculo, porém, não estava completo. Outros 500 de seus jovens inscreveram-se no clero antes de sua morte; e outros, dos quais ele tinha desenvolvido a vocação, escolhiam o sagrado ministério para si nos anos seguintes à sua partida deste mundo. Acrescentemos aqueles que, de tantas casas afiliadas, passaram ao Seminário. Não omitamos os muitos que, por conselho seu, foram povoar novamente as casas religiosas, e não há quase Ordens, e daria Congregações, que não tenham sacerdotes, um dia filhos de Dom Bosco. Indiretamente, portanto, não se deve negar o mérito de ele ter aumentado as forças do catolicismo com vários meios. Pode-se dizer que foi após o seu exemplo e, às vezes, pelas suas instâncias e cooperação, que se abriram e sustentaram os pequenos seminários. Foi dele que não poucos diretores destes e de grandes seminários, que o vinham consultar, aprenderam o modo de cultivar os alunos com amável e paterna assistência, com a piedade e especialmente com a freqüência da Comunhão, condição indispensável para a perseverança na vocação, de modo que o clero das respectivas dioceses obteve grande vantagem [...]. Reservamos outras provas de nossa afirmação para o decurso da história, das quais, unidas a estas, podemos deduzir que não estão realmente longe aqueles que afirmam que Dom Bosco formou seis mil sacerdotes”¹⁰.

Da escola de Dom Bosco, vieram Rua, Cagliari, Domingos Sávio e muitos outros. Os salesianos estão convencidos de que a fecundidade vocacional nos diversos contextos, cuidando como se deve da pastoral e do caminho de formação cristã, julga a própria capacidade de comunicar o conhecimento suficiente e o amor a

¹⁰ MB V, pp. 411-412.

Cristo que levam à imitação e à seqüela. Percebe-se, por outro lado, o quanto estão longe da organização salesiana aqueles que pensam nas vocações a serem buscadas em outros contextos ou através da ação de pessoas particularmente encarregadas, enquanto as comunidades deveriam dedicar-se apenas aos “serviços”, mesmo que sejam em favor dos mais pobres.

Um momento fecundo

Há muitos pontos dos quais se pode partir para compreender adequadamente o fato vocacional. Encontramos alguns paradigmas na Sagrada Escritura, nos quais se vê bem a parte de Deus, que nunca falha, e as condições da resposta do homem ou da mulher.

A Bíblia tem páginas para os tempos vocacionalmente difíceis ou estéreis. Deus, fiador da salvação, fala neles diretamente ao coração das pessoas, para garantir a memória de sua aliança. Gosto de recordar o episódio de Samuel. Ele recebe o chamado diretamente de Deus, durante a noite, num momento de decadência da instituição religiosa, em que a atenção do povo se concentrava no esforço bélico, quando se tinha esquecido até da figura dos profetas. Os modelos de identificação não existiam, as questões e as urgências do povo não eram religiosas. Entretanto, Deus fala ao coração do jovem diretamente, para torná-lo sua testemunha e porta-voz.

Desejo, nesta carta, chamar a atenção dos irmãos para o fato de estarmos, talvez, vivendo *uma fase de possibilidades vocacionais privilegiadas*, se, porém, o nosso amor por Jesus conseguir exprimir-se e comunicar-se.

Vivemos, em contexto de Jubileu, dois acontecimentos que nos fizeram pensar na abertura interior dos jovens a Jesus e na força que a figura e o projeto de Cristo têm sobre eles.

O primeiro, em ordem de tempo, foi o *Fórum 2000* do Movimento Juvenil Salesiano. No Colle Don Bosco, um jovem fez uma pergunta explícita ao Reitor-Mor: “Do Movimento Juvenil Salesiano e, particularmente, dos animadores, não saem vocações para o sacerdócio e a vida consagrada?”.

A resposta do Reitor-Mor foi: certamente, amadureceram-se vocações; é também verdade, porém, que esta dimensão da espiritualidade juvenil salesiana não foi suficientemente cultivada: do anúncio à proposta, do convite ao acompanhamento pessoal dos que demonstram aptidões, sinais ou primeiros desejos. O Reitor-Mor quis incluir justamente este aspecto na mensagem para a caminhada do MJS em 2000. Podem lê-lo neste mesmo número dos Atos.

O segundo acontecimento foi a *Jornada Mundial da Juventude* de Roma. Durante a homilia da celebração eucarística, o Papa exortou os jovens a pensarem também na possibilidade de doar toda a própria existência no ministério sacerdotal e na vida consagrada: “Possa existir sempre, em toda comunidade, um sacerdote que celebre a Eucaristia. Peça, por isso, ao Senhor, que floresçam entre vós numerosas e santas vocações ao sacerdócio”¹¹. E, mais adiante, dizia ainda: “Brote da participação na Eucaristia um novo florescimento de vocações, também à vida religiosa, que garanta na Igreja forças novas para a nova evangelização”¹².

As conversas individuais com os jovens fizeram com que aparecesse o quanto se apresenta em suas almas o pensamento de seguir a Cristo radicalmente. Frequentemente, porém, encontra-os despreparados para uma resposta e, segundo o que já se comentou outras vezes, encontra-os inseguros diante das possibilidades reais de encontrar espaços na medida de suas expectativas, nos quais exprimir essa vocação por toda a vida.

É verdade: a juventude presente nos dois acontecimentos não representava toda a juventude do mundo, nem sequer a católica. Estavam, sobretudo no *Fórum 2000*, jovens escolhidos. Justamente esses, porém, são os jovens que oferecem um espaço de diálogo vocacional de empenho e confessaram que esse diálogo nem sempre foi feito com eles.

¹¹ João Paulo II, Homilia de 20 de agosto de 2000, *Osservatore Romano* 21-22 de agosto de 2000.

¹² *Ib.*

Talvez estejamos vivendo um “tempo novo”, em que é determinante uma adequação da pastoral vocacional em termos de imagem, linguagem e proposta.

Não quero repetir aqui a doutrina teológica sobre a vocação e nem sequer descrever as condições sociológicas e religiosas de certas regiões em que parecem concentrar-se as dificuldades. Ouvimo-las já suficientemente. Foi dito, com razão, que é preciso passar da análise às propostas.

Há um fenômeno que nos deve fazer pensar. Em regiões, que se dizem difíceis, convivem comunidades, centros de espiritualidade ou movimentos eclesiais que atraem intensamente e outras comunidades ou obras que não conseguem provocar desejos de unir-se à experiência que os jovens também têm diante de seus olhos.

Dá-se, ainda, nessas áreas ainda férteis, uma diferença entre os “tipos” de jovens e garotos, atraídos pela nossa vida, e a manutenção deles quando se inserem nas comunidades: trata-se de autenticidade de motivações, de formação espiritual cristã, de projeto de vida em Cristo, de fé interiorizada.

Devemos pensar seriamente neste aspecto. As vocações representam efetivamente o principal problema da nossa como de outras Congregações e Ordens Religiosas. Existem abundantes campos de trabalho, em todos os continentes: o mais difícil é individualizá-los e enumerá-los. Deu-se início, também, e é conhecida, a colaboração dos leigos, para responder às urgências das numerosas frentes. A dinâmica de animação é difusa. Entretanto, nada disso se move sem pessoas que testemunhem o carisma até o fim!

“Pedi ao Senhor, porque a messe é grande poucos os operários”¹³. A expressão de Jesus, sempre verdadeira, aplica-se mais do que nunca ao nosso momento histórico.

O Senhor dá-nos uma nova oportunidade, mas pede-nos, ao mesmo tempo, purificação, insistência sobre o essencial, capacidade de colocar em contato vivo com Cristo, mais do que apenas envolver em amizades pessoais ou prestações de serviço.

¹³ Cf. Mt 9,38.

Em sintonia com a Igreja

Realizou-se em Roma – de 5 a 10 de maio de 1998 – um congresso sobre a pastoral vocacional na Europa. Fora difundido previamente um documento de trabalho que relevava, na maneira mais objetiva possível, o andamento quantitativo e qualitativo das vocações, mas também a consciência vocacional das Igrejas e as modalidades de pastoral e proposta vocacional que elas desenvolveram.

O documento detinha-se naturalmente nas condições humanas, sociais e religiosas dos jovens; mas recolhia também os sinais positivos, os recursos atuais, os germes de uma nova estação que pede um sábio cuidado por parte de todas as comunidades, particularmente dos educadores.

À conclusão dos trabalhos foi publicada uma relação final realmente nova e rica de propostas.

Foi feito um trabalho semelhante na América e, em fins de fevereiro, a Congregação para a Educação Cristã, publicou um número da revista *Seminarium* sobre a situação das vocações no futuro, para ao qual se pediu ao Reitor-Mor dos Salesianos um artigo intitulado “Pastoral juvenil e orientação vocacional”¹⁴, sinal de como é apreciada a nossa experiência.

De nossa parte, temos dedicado um longo tempo de estudo à *Ratio*, que também compreende o pré-noviciado e os critérios de discernimento para a aceitação.

Diria que é inútil fingir: o problema vocacional é um problema incandescente! Apesar disso, a intenção geral dos congressos é “promover a esperança”. Esse é o tom dos documentos prévios; esse foi também o ar dos congressos. Confiamos que o Senhor haverá de continuar a suscitar profetas e homens segundo o seu coração.

A União dos Superiores Gerais das Ordens e Congregações Religiosas também quis examinar a reflexão sobre as possibilidades e condições para propor hoje a vocação e amadurecer os candi-

¹⁴ *Seminarium* Ano XL, n. 1, janeiro-fevereiro de 2000, pp. 67-80.

datos à vida consagrada, particularmente lá onde a dimensão religiosa parece de pouquíssima relevância social, em poder de elaborações subjetivas.

Obteve-se, com isso tudo, uma visão geral das novas condições em que nascem e se desenvolvem as vocações¹⁵. Vive-se, em algumas partes, a provação da esterilidade, como a de Sara ou de Ana, mãe de Samuel. Não é aceitável, porém, decretar a própria extinção e simplesmente programar a passagem da própria herança carismática a outros, por exemplo, aos leigos, e bloquear-se em relação à proposta da vida cristã e da *sequela Christi* na cultura secular!

Se Cristo foi para nós sentido e caminho, se a nossa experiência com Ele foi feliz, é melhor, como fez Abraão, suplicar pelo filho que assuma a descendência e empenhar-se por suscitá-lo. É necessário, foi dito, convocar e também provocar, voltando a apresentar, em sua realidade paradoxal, os percursos de uma existência conforme o Evangelho, como as bem-aventuranças, a cruz, a liberdade de realizar-se em Deus.

A orientação vocacional em nossa renovação espiritual

A Congregação desenvolveu, ao longo destes anos, uma reflexão sobre a orientação da educação dos jovens à fé. Individualizou *a sua dimensão fundamental e qualificante na orientação vocacional*¹⁶. Queremos ajudar os jovens a colocar-se diante do próprio futuro em atitude de disponibilidade e generosidade, predispô-los a escutar a voz de Deus, acompanhá-los na formulação do próprio projeto de vida.

Privilegiamos, no trabalho vocacional, alguns aspectos que se apóiam e completam reciprocamente: a orientação oferecida aos jovens no interior do discurso educativo; a atenção constante para descobrir e acompanhar com iniciativas diferenciadas e apropria-

¹⁵ USG – 55ª Conventus Semestralis. *As vocações à vida consagrada no contexto da sociedade moderna e pós-moderna*, Ed. II Calamo, Maio, 1999.

¹⁶ Cf. CGE, 374 e 692; CG21, 110ss; CG23, 149ss. e 247.

das as vocações de particular empenho na sociedade e na Igreja; a atenção especial às vocações de serviço à Igreja (vocações para as dioceses, para outros institutos religiosos) e da mundialidade (vocações missionárias, também leigas); uma responsabilidade particular pelo carisma salesiano em suas múltiplas formas, mediante o discernimento e o cuidado das sementes de vocação salesiana, tanto consagrada como laical, presentes nos jovens.

É convicção nossa que apresentamos a Igreja com um grande tesouro quando procuramos uma boa vocação. Não importa se essa vocação vá à diocese, às missões ou a uma casa religiosa. É sempre um recurso que se coloca à disposição da Igreja e do Reino¹⁷.

A situação não é fácil. O Congresso “Novas vocações para uma nova Europa”¹⁸ assinalou algumas causas ou raízes da dificuldade: a cultura pluralista complexa, sem fundamento, que tende a produzir nos jovens uma identidade frágil; a cultura da distração, que corre o risco de submergir ou anular os interrogativos sobre o sentido da vida; a mentalidade que leva a pensar que as possibilidades da vida devem ser consumidas apressadamente; o nomadismo nas idéias e compromissos, que não se preocupa com as referências de orientação definitiva. É nesse contexto, entretanto, que o Evangelho deve ser comunicado e oferecido como norma e caminho.

Nós procuramos viver, nessas circunstâncias, com uma *atitude de fé serena, de esperança* e sem buscar culpados. Quando Abraão estava triste, porque não via realizar-se o dom da descendência, Deus faz-lhe um convite para sair de sua pequena cabana, colocando-se sob a grande tenda do Senhor, o céu; com o horizonte mais vasto ele é levado a interpretar e crer na história que Deus, fiel às suas promessas, lhe está preparando.

A atitude de esperança deve guiar-nos, também, na leitura dos sinais dos tempos: a carência de vocações (um mal) pode ser percebida como um convite à purificação das intenções, a reconhecer a necessidade de centralizar-se no essencial da vida consagrada e da nossa vocação específica na Família Salesiana.

¹⁷ Cf. MB XVII, p. 262.

¹⁸ Cf. “Nuove vocazioni per una nuova Europa”, n. 11c: *Uomo senza vocazione*.

Quando rezamos ao Senhor da messe, é importante que sejamos movidos, mais pelo Reino e pelo desejo de realização da sua vontade, do que pela necessidade ou angústia de ter sucessores para cada uma de nossas obras atuais, que tomem o nosso lugar nos muitos projetos apostólicos que estamos animando.

Entretanto, difundamos entre os jovens, na Família Salesiana, entre o povo, uma **cultura vocacional**. É este um termo lançado pelo Papa¹⁹. Ele foi, em seguida, aprofundado também por nós²⁰. Trata-se de promover uma forma de vida e de organização de opções pessoais diante do futuro, segundo um conjunto de valores como gratuidade, acolhida do mistério, disponibilidade a deixar-se chamar e envolver, confiança em si e no próximo, coragem de sonhar e desejar de maneira grande. Junto à ação de contenção, existem propostas e experiências educativas na linha dos valores propostos.

Esta cultura é, hoje, o primeiro objetivo da Pastoral Vocacional, e talvez da pastoral em geral, afirma o documento conclusivo do Congresso sobre as vocações na Europa²¹.

Uma nova aproximação

Percebe-se, através deste caminho de reflexão e das experiências em curso, a disponibilidade ainda viva dos jovens para a experiência de Deus, e descobrem-se novas dimensões e novos elementos, importantes para o surgimento e crescimento das vocações.

Percebe-se, principalmente, o **novo sujeito destinatário** e principal interlocutor do discurso vocacional: ele é, sobretudo, o *adolescente adulto*, tanto pelo alargamento da escola obrigatória, como pela maior idade em que se decide o estado de vida. É im-

¹⁹ João Paulo II, Mensagem da XXX Jornada Mundial de oração pelas vocações (1993).

²⁰ Cf. VECCHI J., "A vocação entre cultura e culturas: crise do modelo ocidental?", in *Cultura e Vocazioni*, Rogate, Roma, 1994, pp. 31-63.

²¹ Cf. "Nuove vocazioni per una nuova Europa", n. 13b.

portante, para nós, inserir elementos vocacionais em todas as idades, mas temos um espaço privilegiado entre os animadores, voluntários, jovens colaboradores, universitários, alunos das últimas séries.

Esta novidade comporta uma outra que nos diz respeito muito de perto: o discurso de vida cristã e a orientação vocacional para estes adolescentes adultos é *muito mais exigente e específico*. Eles não entram numa equipe de trabalho ou de serviço. Tratando-se de fazer um serviço laical, também gratuito, eles sabem que podem dispor de outros espaços e estruturas de voluntariado. É a visão e o sentido da vida que determina a sua orientação. Só se forem atraídos por Jesus, e tiverem tomado consciência da vida proposta por Ele, é que se decidirão a segui-lo.

Vivemos, foi dito, numa época “selvagemente religiosa”. É necessário fazer com que os jovens sintam a grande novidade de Jesus, o *mais além*, e não só o prazer da gratuidade com tempo limitado. É inútil ao apelo vocacional, a clandestinidade religiosa do grupo que se constituiu em nome de Cristo. É melhor que declaremos, abertamente, com palavras e obras, qual foi a nossa opção e a alegria com que a vivemos.

Lemos, no livro dos Atos dos Apóstolos, que, enquanto a comunidade dos seguidores de Cristo mostrava os novos sinais tipicamente cristãos, o Senhor a ela orientava aqueles que deviam ser salvos²². As duas coisas são necessárias e complementares: a voz ou graça do Senhor e os sinais da comunidade.

Apresento *algumas constantes* recorrentes nas conversas de que falava anteriormente, presentes também nas experiências feitas pelas Inspetorias; elas podem ajudar na reflexão sobre a capacidade vocacional de nossas comunidades.

1. A vocação é uma atração. Se o carisma e a vida dos que hoje são seus portadores e representantes não é, por assim dizer, fascinante, as condições para suscitar seguidores desaparecem. Isso já tinha acontecido com Jesus. Os apóstolos ligaram-se a Ele por uma

²² Cf. At 2,42-48.

admiração nada comum; tinham percebido a bondade que se desprendia dele e, por isso, tinham-lhe perguntado: “Onde moras?”²³. Indo ficar com Ele depois.

Diversos Institutos apresentaram, na reunião dos Superiores Gerais, experiências de comunidades abertas e acolhedoras, fronteiras novas e audaciosas de missão, experiências expressivas de vida consagrada do primado de Deus que tinham suscitado interesse nos jovens.

Volto a insistir na genuinidade e no caráter comunitário das experiências de Deus, particularmente próximas aos jovens “religiosos” de hoje, embora devam entender as condições quotidianas da nossa relação com o Pai à luz do acontecimento da Encarnação, libertando-se do fascínio momentâneo do extraordinário.

2. A vocação é **um chamado e uma graça**; inspirá-la e suscitá-la está fora de nossas possibilidades. A iniciativa é de Deus. É uma constante nas vocações bíblicas e Jesus o repete: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu quem vos escolheu”²⁴. É necessário rezar e trabalhar, acolher e agradecer, mesmo que somente por uma vocação, observar e descobrir. Nesse sentido, não nos lamentamos, mas o nosso coração volta-se agradecido ao Senhor pelos cerca de 500 jovens que, também neste ano, entraram em nossos noviciados.

3. A vocação é **um caminho** estritamente relacionado ao amadurecimento na fé, no diálogo com Deus que dura a vida toda. A condição basilar para que ela surja é o desenvolvimento da vida cristã em todos os seus aspectos: verdade, costumes, oração. As vocações de caráter “sociológico” quase desapareceram. A acentuada personalização da fé e a vida interiormente ligada a Cristo são indispensáveis para o amadurecimento das propostas segundo a Palavra do Senhor. Recordam-se do diálogo do jovem rico com Jesus? Pois bem, não basta ser honestos. Trata-se de perceber dimensões misteriosas da nossa existência.

²³ Jo 1, 38.

²⁴ Jo 15,16.

4. Todos experimentam esse chamado, porque **Deus tem um projeto para cada pessoa**. É necessário que todos se tornem conscientes disso. Cabe-nos ajudar a cada um no desenvolvimento da própria vocação com um programa apropriado: para a vida laical, sacerdócio, vida consagrada, secularidade consagrada. É verdade, entretanto, que o acompanhamento ao sacerdócio e à vida consagrada é um aspecto específico e não se deve diluir tudo num discurso genericamente vocacional.

5. É preciso um **trabalho direto** e explícito pelas vocações de particular consagração ou serviço. Elas não surgem espontaneamente, nem mesmo de ambientes religiosos. Os modelos de vocações eclesiais, mesmo entre os jovens catequizados, são pouco conhecidos. As Dioceses e nossas Inspetorias organizam, por isso, um serviço de animação. E vê-se que, lá onde esse serviço funciona, as coisas estão melhores, desde que as comunidades a ele não deleguem o que elas mesmas podem e devem fazer. Não se deve cair no *genericismo* e nem distinguir muito os diversos tipos de apelos ou chamados que Jesus mesmo fez.

6. **Toda comunidade** e, nela, cada pessoa, deve estar profundamente envolvida, segundo as próprias possibilidades, em descobrir e ajudar as vocações. O trabalho do “recrutador” ou encarregado ou delegado é absolutamente insuficiente e não dá garantias quanto à quantidade e autenticidade.

Além da inadequação para obter o resultado desejado, está em jogo a continuidade da missão da comunidade e do indivíduo. Cada comunidade representa Dom Bosco no contexto onde vive e trabalha, e é deputada a prolongar o seu carisma e a sua missão. É um *álibi* dizer que a nossa missão poderá passar aos leigos ou programar a própria extinção, embora com motivações religiosas.

Deus dirá qual será a nossa sorte; é importante, porém, que nela não influa o nosso descuido ou opções erradas, como pode ser a renúncia de propor aos jovens formas de vida cristã intensa e de seqüela radical de Cristo.

7. Os jovens sentem a necessidade de uma **experiência direta e de contato** com a realidade de conteúdo vocacional. Nesse sentido, o ambiente onde o jovem está empenhado joga um papel im-

portante: no ambiente, ele pode encontrar modelos, experimentar valores e amizades e, sobretudo, exercitar responsabilidades típicas das vocações eclesiais. Nossas paróquias, escolas, oratórios, grupos de voluntariado devem constituir-se como comunidades em que se experimentam ministérios a serviço da missão e se ajuda no encontro com Jesus.

8. Muitas vocações, como foi dito, amadurecem numa idade mais elevada e isso significa um período de **acompanhamento mais longo**. Deve-se iniciar, por isso, com uma catequese de fundo vocacional já na infância e na adolescência. Não se deve abandonar o trabalho, porém, quando os jovens entraram na universidade ou em ambientes equivalentes. A média etária daqueles que entram no noviciado está oscilando entre 21 e 27 anos.

Além de ser mais longo, o acompanhamento deve ser mais consistente no que se refere à fé e à prática cristã. Deve corresponder ao desenvolvimento intelectual do jovem, às questões que lhes são colocadas pela vida e pela sociedade. Duas Encíclicas de João Paulo II – *Veritatis Splendor* e *Fides et Ratio* – dão uma idéia das questões de mentalidade e atitudes nas quais o jovem ouve as mais variadas opiniões, expressas com extrema segurança e em nome do direito de a pessoa pensar e exprimir-se.

São ambientes em que é necessário o acompanhamento. É claro que mentalidades e atitudes, se não forem iluminadas e orientadas pelo Evangelho, impedem decisões vocacionais posteriores e criam obstáculos no caminho a empreender. Por isso, no documento conclusivo do congresso sobre as vocações na Europa, acumulam-se indicações sobre a orientação cristã decidida: apresentar Cristo como projeto do homem, convidar à *seqüela*, cultivar o primado do Espírito, favorecer o radicalismo evangélico como profecia, dar direção espiritual.

9. É indispensável a referência ao **ambiente comunitário**. Ninguém tem vocação à solidão e ao isolamento. Recomenda-se, por isso, também às igrejas locais, a organização da comunidade como uma articulação rica de ministérios ou serviços em vista da missão.

Nós, também, pudemos tirar algumas conclusões úteis nos últimos tempos, constatando o percentual de jovens chamados que fi-

zeram a experiência da comunidade educativa salesiana, do grupo, da comunidade juvenil, no serviço de voluntariado.

Acrescenta-se, hoje, ao contato com o ambiente educativo, *a experiência de vida na comunidade salesiana* para jovens que já fizeram um certo caminho.

Segue-se o critério: “Vem e vê”. Os jovens participam, por um tempo breve ou médio, da oração, da programação e realização do trabalho, da vida fraterna. É supérfluo dizer que se trata de comunidades escolhidas, que se demonstram aptas a essa acolhida. Em não poucas Inspetorias, contudo, procurou-se multiplicá-las. A idéia é que cada comunidade possa ser espaço de experiência vocacional.

10. Há, no caminho de fé, **experiências que são particularmente reveladoras** das características e exigências das vocações, e que ajudam a amadurecer mais rapidamente as capacidades vocacionais: podemos incluir nelas o empenho no trabalho pastoral, a aprendizagem da oração, a meditação renovada da fé, o voluntariado, os exercícios espirituais. Sente-se de maneira mais imediata, nessas experiências, a dimensão religiosa. São chamadas experiências “fortes” justamente pela sua intensidade, e não deveriam faltar num programa vocacional.

11. É necessário, em muitos casos, **o convite explícito**. O ambiente social não sugere uma vocação religiosa. Hoje, a sua relevância e o seu significado social é escasso; os modelos de referência para imaginar como será a própria vida num longo futuro são confusos, quando não desanimadores. A Igreja, tomada em alguns lugares como instituição, é apresentada como herdeira de um passado de submissão intelectual e moral.

O jovem pode desejar empenhar-se, mas orienta-se para movimentos e causas que são, hoje, mais admirados: a paz, a ecologia, os pobres. Será sempre o fascínio de Cristo que determinará uma orientação diversa. E aqui está a nossa prova de pastores-educadores de jovens.

O jovem, além disso, não chega com facilidade à conclusão de realizar as condições para uma vocação de especial serviço ou consagração. Os discípulos sentiram-se fascinados por Jesus, mas para

entender que podiam colocar-se ao seu serviço tiveram de escutar o convite: “Segue-me!”.

Vemos, nas conversas com nossos jovens irmãos, que quase todos encontraram alguém que lhes fez a proposta, pronunciou o apelo. Deve-se pensar quantos deles não teriam vindo sem esse convite providencial e quantos efetivamente não entraram porque ninguém lhes dirigiu o chamado ou, ao menos, o interrogativo.

12. É necessário o acompanhamento ou direção espiritual. Afirmava-o já o congresso vocacional de 1982, trazendo uma afirmação de Paulo VI: “Não há vocação que amadureça sem um diretor espiritual que a acompanhe”.

Podemos compreender, também, a expressão “Diretor Espiritual” não de forma técnica, mas aberta, referindo-nos a quem é capaz de acompanhar. Desde que esse acompanhante conheça a história do acompanhado e as exigências da vida espiritual e seja capaz de levar os jovens para novos horizontes na vida da graça. Temos, aqui, quem sabe, um outro ponto fraco: a nossa capacidade de mostrar, entusiasmar, indicar os passos e as condições; convidar para que sejam assumidas metas mais exigentes, corrigindo o que não é conforme a Deus e ajudando a assumir tudo o que contribui para dar-lhe espaço na vida; rever periodicamente o caminho percorrido. Precisamos de acompanhantes espirituais, que sejam não só compreensivos, mas capazes de propostas, especialistas na vida espiritual.

Isso tudo, também, foi insistido no documento conclusivo do congresso sobre as vocações na Europa, ao qual já acenei. O jovem sente necessidade de confrontar muitos pontos da fé com tantas idéias e propostas que lhe vêm do contexto. Ele precisa de um interlocutor. Precisa esclarecer aspectos da moral cristã. Precisa de apoio e orientação. Não tendo experiência do caminho da graça e das possibilidades da vida em Cristo, precisa, sobretudo, de alguém que lhe abra esses horizontes.

Está provado que ao redor de alguns diretores espirituais, de alguns cenáculos ou casas de retiro, de algumas experiências de fé, estão nascendo candidatos à vida sacerdotal, consagrada, laical.

Encontramo-nos na situação de todos. Em alguns lugares, vivemos a provação da infecundidade. Temos, contudo, um campo privilegiado em nossos destinatários: os jovens. Desenvolvemos uma atividade muito adequada ao discurso vocacional: a educação. Possuímos ambientes que podem oferecer estímulos interessantes: as comunidades educativas. Podemos estender as ofertas de envolvimento e de trabalho apostólico, também para fora de nossas obras.

O MJS de 2000 deveria exprimir-se em grupos de voluntariado, oração, reflexão sobre a fé, aprofundamento cultural. Isso tudo poderia ser um campo fértil para o interrogativo vocacional. Caso não nos seja permitido recolher, procuremos, ao menos, semear abundantemente.

2. COMUNIDADE SALESIANA: ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E PROPOSTA VOCACIONAL

Examinando a situação das vocações e algumas sugestões gerais de pastoral, velozmente e sem pretensões de ser completo, referimo-nos mais diretamente ao tema que será objeto de nossos Capítulos, para refletir sobre quais os elementos da comunidade que podem se tornar apelos vocacionais.

Quando pensamos na origem da nossa Congregação e Família, de onde partiu a expansão salesiana, encontramos, sobretudo, **uma comunidade**, não só visível, mas até mesmo singular, atípica, quase como uma lâmparina na noite: **Valdocco**, casa de uma comunidade original e espaço pastoral conhecido, vasto, aberto. Aí chegavam, por interesse ou por curiosidade, personagens do mundo civil e político, cristãos fervorosos e eclesiais que aí viam um despertar religioso, bispos do mundo.

Elaborava-se nessa comunidade, uma nova cultura, não em sentido acadêmico, mas na direção de relações renovadas entre jovens e educadores, entre leigos e sacerdotes, entre aprendizes e estudantes, uma relação que refluía no contexto do bairro e da cidade. E, de acordo com o que lemos, essa cultura levantava interrogativos, que chegavam a colocar em dúvida até a saúde mental de Dom Bosco.

Aconteciam ali, além disso, novas experiências educativas; são exemplos que todos conhecem: o pensionato para jovens que iam trabalhar na cidade, o ensino das artes e ofícios, o tipo de vida que se tinha instaurado.

Tudo isso, tendo como raiz e motivação a fé e a caridade pastoral, procurava criar em seu interior o espírito de família e orientava para um sentido afeto pelo Senhor e por Nossa Senhora.

O termo “Religião” no trinômio do Sistema Preventivo era tudo mais que formal. Compreendia o convite a empreender uma vida em Deus, como recordado no episódio de Miguel Magone em lágrimas, até orientar-se pelos caminhos da santidade os jovens capazes, como nos mostra a conversa entre Dom Bosco e Domingos Sávio.

Isso suscitava, nos jovens, o desejo de pertencer àquela singular comunidade e trabalhar numa obra tão original. A palavra oportuna de algum salesiano ou do próprio Dom Bosco ajudava depois a amadurecer a decisão.

A Congregação Salesiana foi composta, desde o início, em grande parte por “oratorianos”, pessoas que tinham feito a experiência educativa com Dom Bosco e em sua casa.

Serão as nossas comunidades de hoje, capazes de provocar um fenômeno semelhante, mesmo de proporções menores?

Aparecem no trabalho de Dom Bosco pelas vocações, *alguns elementos importantes*, que podem iluminar a nossa reflexão, embora a linguagem dele deva ser lida no contexto de sua época cultural e teológica.

Ele preocupa-se especialmente com que surjam e se desenvolvam nos jovens as sementes vocacionais. Não confia no acaso, mas colabora ativamente para fazer com que o dom de Deus seja percebido.

Constrói, com meios e intervenções variados, *um ambiente apto*, no qual a proposta vocacional possa ser favoravelmente acolhida e chegar ao amadurecimento; elemento central desse ambiente era *o espírito de família*: sentir-se benquisto, na própria casa, valorizado.

Promove *um intenso clima espiritual* no qual orienta à relação pessoal com Jesus, à frequência dos sacramentos, à devoção a Ma-

ria, à oração que leva a enraizar sempre mais a adesão pessoal ao projeto de Deus no coração e na vida. Caminham também nessa linha as breves recomendações para favorecer as vocações.

Ajuda a *purificar e amadurecer as motivações* da opção do estado de vida, centralizando-o na glória de Deus e na salvação das almas, através de experiências de trabalho generoso e entusiasmo pela salvação dos jovens.

Dom Bosco esforça-se, também, em ser *o animador e guia espiritual* dos jovens chamados, sobretudo pela confissão, mas também facilitando diversos encontros e colóquios com eles. Um dos traços que mais chama a atenção nesse ministério, é a sua grande prudência no discernimento, que sabe orientar os candidatos com realismo e consciência das exigências espirituais.

Coloca sempre na base a convicção, profundamente enraizada, de que qualquer sucesso em campo vocacional deve ser atribuído a Deus e à materna proteção de Maria SS. Auxiliadora. Recomenda, por isso, a todos, uma constante e fervorosa oração pelas vocações.

O intensíssimo trabalho que Dom Bosco desenvolveu em favor das vocações, sobre o qual já se falou, sublinha o seu sentido de Igreja e a confiança aberta às surpresas devidas à generosidade dos jovens. Permite-nos compreender a sua insistência para que todos trabalhem de modo concorde e se esforcem em procurar para a comunidade eclesial aqueles grandes tesouros que são as vocações²⁵.

O atual movimento vocacional não é diverso, mesmo reconhecendo que é menos sentido pela própria comunidade cristã. Vai-se para onde se sente atraído. Não será certamente pela nossa organização, nem pelo nosso serviço ou trabalho que os jovens se sentirão fascinados pela vida consagrada, mas justamente pela intensidade da dimensão religiosa. O Senhor orientava para a comunidade aqueles que queria salvar, dizem os Atos dos Apóstolos²⁶, como já recordávamos. Há uma coincidência entre os sinais colocados pela

²⁵ Cf. *Le vocazioni nella Famiglia Salesiana*. IX settimana di Spiritualità della Famiglia Salesiana. Janeiro, 1982. Elle Di Ci, Turim 1982, pp. 145-183.

²⁶ Cf. At 2,48.

comunidade, aquele de reunir-se para a *fractio panis*, de colocar as coisas em comum, e a voz que Deus faz ressoar no coração das pessoas que são membros potenciais dessa comunidade. É o perfil do caminho vocacional.

Será inútil oferecermos comunidades leigas ou seculares a jovens que buscam o sentido e a experiência calorosa de Deus, àquelas que começaram a degustar o evangelho e desejam vivê-lo com maior intensidade. É necessário oferecer-se como lugar de experiência do Evangelho!

A lógica do “Vem e vê”²⁷

A cultura atual é muito sensível aos sinais e testemunhos, às provas e experiências, e pouco às palavras e promessas.

Hoje, a proposta vocacional realiza-se no estilo evangélico do “Vem e vê”. Esse foi também o caminho trilhado por Dom Bosco, como dizíamos. Ele queria mostrar aos jovens uma forma de vida cristã, que os fizesse felizes. Preocupou-se, por isso, para que reinasse no ambiente do Oratório uma grande alegria e um estilo de família que atraía os corações dos jovens.

Objetivo importante é construir uma comunidade salesiana, que torne visíveis os valores da vida religiosa, encarnados nos irmãos, e evidencie as motivações das opções e trabalhos educativos; comunidade onde seja sentida a alegria da fraternidade e do espírito de família, que saiba comunicar a própria experiência, para além das palavras, com a própria vida; comunidade capaz de envolver num clima e, mais ainda, numa história, porque apresenta com eficácia suas proezas e seus encontros com missionários, compartilha seus momentos de oração, dá testemunho com experiências quantificantes e atividades apropriadas e, sobretudo, com a tonalidade da própria vida.

Dizia-se antigamente que acontece a ruína de uma comunidade quando surge o relaxamento. Afirma-se, hoje, que estamos em

²⁷ Cf. Jo 1,39.

tempos de místicos e profetas, e que é necessário muito mais para dar futuro à vida religiosa. Após o Vaticano II as Congregações fizeram, em geral, esforços de renovação doutrinal, estrutural e operativo, mas nem por isso os jovens aderiram a elas. O problema não está tanto na correição e na coerência serena, mas naquele “a mais” que atrai; nem na moralidade e honestidade, que servem para conservar as coisas como estão, mas naquele “a mais”, incluído na profecia, na significatividade, na radicalidade; ou naquela que se pode chamar de “experiência calorosa”, da qual brotam intuições e vontade de empenhar a vida.

A força vocacional da vida da comunidade

É fácil constatar que, em alguns lugares, a vida consagrada perdeu a visibilidade pela forte secularização do ambiente ou, às vezes, pela própria vontade daqueles que pensaram em não se apresentar como “homens religiosos”, tendo em vista apenas o valor “humano” da própria opção.

Os próprios cristãos nem sempre entendem a força da consagração e, mais ainda, não percebem o sentido e o valor da vida consagrada. Ela, muitas vezes, é reduzida a uma disponibilidade maior ao serviço dos outros; escapa o seu testemunho do primado de Deus e o seu significado profético.

Isso também foi um ponto de interesse na reflexão sobre a vida religiosa: perguntou-se qual a contribuição do testemunho e da ação específica de um consagrado/a no âmbito da saúde, da educação, do serviço social em relação ao que fazem os “leigos” honestos.

A Exortação *Vita Consecrata* afirma repetidamente a urgência de *dar visibilidade* à vida consagrada: “também o estilo de vida (das pessoas consagradas) deve fazer transparecer o ideal que professam, propondo-se como sinal vivo de Deus e como pregação eloqüente do Evangelho, mesmo que muitas vezes silenciosa”²⁸.

²⁸ VC 25.

“Os jovens não se deixam enganar: vindo até nós, eles querem ver o que não vêem alhures. Tendes uma imensa tarefa em relação ao amanhã; sobretudo os jovens consagrados, testemunhando a própria consagração podem induzir os seus coetâneos à renovação da própria vida. O amor apaixonado por Jesus Cristo é uma atração poderosa para os outros jovens, que Ele em sua bondade chama a segui-lo mais de perto e para sempre. Nossos contemporâneos querem ver nas pessoas consagradas a alegria que provém da vida com o Senhor”²⁹.

Interrogamo-nos, na reunião dos Superiores Gerais de maio de 1999, sobre a capacidade de os jovens compreenderem que a nossa é uma *seqüela Christi*. Refletimos, principalmente, nas modalidades ou formas de vida que podem suscitar nos jovens a imagem de uma existência evangélica. Vê-se, de fato, que a solenidade institucional ou a sucessão normal das jornadas não lhes diz muito. Eis *alguns elementos* que deveriam marcar as nossas comunidades e *tornar visível a sua vida consagrada*.

a. Demonstrar a alegria da fraternidade e do estilo de família

O clima de família, acolhida e fé, criado pelo testemunho de uma comunidade que se doa com alegria, é o ambiente mais eficaz para a descoberta e orientação das vocações³⁰. Esse testemunho suscita nos jovens o desejo de conhecer e seguir a vocação salesiana³¹. Assim dizem nossas Constituições.

É preciso *tornar mais visível o fato de ser comunidade religiosa, que vive e trabalha em comum*. Os jovens, freqüentemente, não encontram uma comunidade de pessoas, mas indivíduos salesianos que agem individualmente.

Convém recordar que a missão salesiana jamais é um fato individual ou privado, mas é sempre expressão de uma comunidade. O próprio Dom Bosco pensou logo num grupo de colaboradores e

²⁹ VC 109.

³⁰ Cf. C 37.

³¹ Cf. C 16.

preocupou-se muito com a unidade da sua Congregação. Hoje, também, os jovens precisam ver Jesus através de uma comunidade visivelmente unida, fraterna e alegre. Isso exige cuidar das relações pessoais e da comunicação fraterna.

Num mundo dividido e dilacerado, numa sociedade de massas em que as pessoas são freqüentemente tratadas como números, pode ser sempre muito significativo o testemunho de fraternidade evangélica, oferecido pelas nossas comunidades.

b. Testemunhar a alegria da vocação

“Ninguém poderá tirar a vossa alegria”³², diz Jesus. Somos chamados a viver e a comunicar a experiência de um dom recebido: “Seduziste-me, Senhor; e eu me deixei seduzir”³³; “Fui conquistado por Jesus Cristo”³⁴. “*Vidimus Dominum*”. Tivemos uma experiência de encontro, de descoberta, de “visão” do Senhor.

“A vivacidade desta experiência não deve diminuir com o aumento da idade ou o arraigar-se dos hábitos. Pelo contrário, ela é chamada a amadurecer e preencher a vida. Caso caísse, a vida religiosa perderia a sua motivação e arrastar-se-ia no funcionalismo, isto é, apenas na realização dos próprios deveres. Aconteceria a nós aquilo que acontece aos casais cansados, que continuam a conviver em paz, mas que não esperam dessa convivência nem novidade nem felicidade”³⁵.

Devemos fazer um exame para descobrir se algum cansaço, alguma desilusão tirou-nos, senão a vontade de viver seriamente a consagração, talvez a convicção e a iniciativa de propor a nossa vida aos outros de maneira eficaz. A alegria e o entusiasmo devem-nos levar a superar, em nossa vida ordinária e em nossas relações com os jovens e o povo, a lei do mínimo esforço ou do

³² Jo 16,23.

³³ Jr 20, 7.

³⁴ Fl 3,12.

³⁵ ACG 365, p. 15.

achatoamento, e a proclamar os motivos de satisfação, contentamento, esperança, mais do que os de descontentamento, mau humor e desalento.

*c. Manifestar, em nosso modo de viver, o valor humano e educativo dos conselhos evangélicos*³⁶

Insiste-se, hoje, no significado antropológico dos conselhos: eles não limitam as pessoas, mas abrem um campo mais vasto às suas aspirações e energias. “A opção pelos conselhos, com efeito, – lemos na Exortação *Vita Consecrata* – longe de ser um empobrecimento de valores autenticamente humanos, propõe-se como a sua realização superior, a sua transfiguração... Assim, aqueles que seguem os conselhos evangélicos, enquanto buscam a santidade para si mesmos, propõem, por assim dizer, uma “terapia espiritual” para a humanidade, pois recusam a idolatria do criado e, de algum modo, tornam visível o Deus vivo”³⁷.

Isso exige de nós um esforço para vivê-los, não só com coerência e verdade, mas também em diálogo atento com a cultura atual, de modo que apareça com clareza o seu valor humanizante, particularmente diante dos jovens.

Nossas Constituições sublinham este *valor educativo* nos votos: A “obediência conduz à maturidade, fazendo crescer a liberdade dos filhos de Deus”³⁸. “O testemunho da nossa pobreza, vivida na comunhão de bens, ajuda os jovens a superar o instinto da posse egoísta e os abre ao sentido cristão da partilha”³⁹. A castidade “faz de nós testemunhas da predileção de Cristo pelos jovens, permite-nos amá-los sinceramente de modo que saibam que são amados, e nos torna capazes de educá-los ao amor e à pureza”⁴⁰.

³⁶ Cf. C 62-63.

³⁷ VC 87.

³⁸ C 67.

³⁹ C 73.

⁴⁰ C 81.

Como traduzimos estes valores na realidade de nossa vida comunitária?⁴¹ O que fazemos para que os conselhos evangélicos se tornem conteúdos educativos originais? Se os religiosos, nas obras educativas, no confronto com os leigos, tivessem apenas maior disponibilidade de tempo ou a posse das estruturas, a ela trariam bem pouco de substancial. Seria justificado o questionamento recorrente sobre o valor específico da sua presença na educação. É tarefa nossa, dos indivíduos e da comunidade, fazer com que a nossa *sequêla Christi* se torne energia, lição e proposta educativa não genérica, mas específica: diante da mentalidade e do uso dos bens, numa época marcada pelas finanças e pela economia; diante da orientação da sexualidade e do amor e do significado de liberdade, num tempo em que vigora o princípio do prazer e das opções individuais; diante da relação com Deus em cada passagem da vida, num momento em que parte da religiosidade é “desencarnada”, ausente.

Este *valor profético* manifesta-se também ao pronunciar-se sobre os grandes temas da história humana e do mundo juvenil, intervindo para criar opinião evangélica sobre a realidade e as situações. A profissão deve tornar-se anúncio, sereno, mas decisivo, dos bens que o Evangelho propõe para a sexualidade, a riqueza, a liberdade.

d. Animar espiritualmente a ampla comunidade educativa

Isso quer dizer ser sinais de Deus e educadores à relação pessoal com ele⁴² para jovens e adultos, indivíduos e instituições.

A manifestação mais evidente da nossa presença de consagrados nos ambientes educativos é a orientação de todos – destinatários e educadores – para o Pai. A consagração convida-nos a repensar e realizar o *evangelizar educando*; fórmula em que o evangelizar indica a finalidade e o verbo “educar”, o caminho global preferido.

⁴¹ Cf. também CG24, 152 e ACG 363, pp. 36-37.

⁴² Cf. C 62; CG24, 151 e 159.

Comunidades capazes de comunicar e compartilhar a espiritualidade salesiana, criar ambientes de intensa qualidade evangélica, encorajar os jovens para a santidade, oferecer às comunidades educativas motivações e experiências que animem e encorajem, apesar das limitações e dificuldades: são essas as comunidades que pensamos hoje, abertas e capazes de propostas, não desprovidas de uma identidade própria e de dimensões visíveis; justamente como Valdocco.

Muitos jovens e leigos deseja, hoje, “ver” e “participar” da nossa vida fraterna e tomar parte conosco na oração e no trabalho. Devemos orientá-la de tal modo que seja possível rezar com os jovens, compartilhar momentos de fraternidade e programação com os leigos colaboradores e, até mesmo, acolher alguns deles para fazer conosco uma experiência temporária de vida comunitária.

A nossa comunidade torna-se, pois, “fermento de novas vocações, segundo o modelo da primeira comunidade de Valdocco”⁴³.

Esta abertura pode ser realizada de diversas maneiras e com diferentes níveis complementares: através de um ambiente comunitário acolhedor e atento à qualidade das relações pessoais; com momentos intensos de comunhão e partilha entre nós, mesmo limitando outras ocupações e serviços, como sinal da importância da vida comunitária; falando sempre positivamente aos jovens e leigos sobre a nossa vida comunitária, os irmãos, os projetos comuns. Ela é, também, realizada eficazmente participando como comunidade das preocupações e projetos da comunidade educativo-pastoral, da obra e da comunidade humana do território; participando dos momentos mais importantes da vida do nosso contexto e dando com generosidade a nossa colaboração; oferecendo aos jovens e leigos momentos de partilha, dos quais todos os irmãos participam com interesse; cuidando da imagem externa da própria obra e da Congregação, e outras iniciativas semelhantes.

⁴³ C 57.

A ação pastoral da comunidade

Nossas comunidades, além de apresentar a vida salesiana e oferecer-se como espaço de experiência espiritual, desenvolvem uma ação educativo-pastoral. Há sobre isso, alguns aspectos a recordar para não errar direção e alvo.

Ajudar a viver a própria vocação, suscitar vocações de especial consagração – como acenado – é uma das *finalidades da missão da Congregação* e é, portanto, uma dimensão essencial de toda presença, projeto ou processo pastoral; é *o vértice da nossa ação educativo-pastoral* e a força que a orienta, lhe dá unidade e a qualifica. É como o eixo de todo o caminho, em cada uma de suas etapas.

O sujeito que garante esse trabalho é a comunidade salesiana, como responsável da genuinidade do projeto educativo e, junto dela, a CEP, convenientemente motivada e instruída pelo seu núcleo animador⁴⁴.

Um dos aspectos discriminantes entre as Inspetorias que têm um certo número de vocações, de acordo com as circunstâncias, e as demais em que se prolonga a esterilidade, é a presença na Inspetoria de comunidades ativas que se preocupam em descobrir meninos e jovens com aptidões, acompanhá-los para que amadureçam e, finalmente, chamá-los. Lá onde as comunidades simplesmente delegaram esse serviço a um encarregado, os resultados são magros.

Onde todos se empenham, colocando em jogo também os irmãos que estão particularmente predispostos para esse trabalho, vai-se recolhendo o pouco que cada presença pode dar. Hoje, sobretudo no mundo norte ocidental – mas o fenômeno vai-se estendendo –, não há lugares de onde tirar muitas vocações. É preciso recolher em todos os ambientes aquelas que Deus coloca em nosso caminho: diversas pela idade, condição, vivência religiosa, história pessoal, relação com a Congregação.

⁴⁴ Cf. CG24, 253.

A atenção vocacional é um *serviço fundamental*, primeiramente para cada jovem, para que ele consiga discernir o projeto de Deus e, assim, realizar a própria vida em plenitude: nesse sentido, é preciso desenvolver nele a disponibilidade para assumir a vida como dom e serviço, descobrir os dons e qualidades semeadas nele, despertar a responsabilidade pelos outros.

É também um serviço à Igreja. Ela torna-se sinal e instrumento de salvação, na medida que cada batizado lhe acrescenta novas possibilidades e energias. Deve-se, então, ajudar todo cristão a descobrir as riquezas da vocação à santidade e a ser co-responsável da missão na Igreja pelo mundo.

É um serviço, enfim, ao carisma salesiano, herança que recebemos de Deus para a Igreja e os jovens.

Somos responsáveis pela sua autenticidade e desenvolvimento. Este carisma une-nos na Família Salesiana, cujos diversos grupos são reciprocamente enriquecidos mediante o intercâmbio dos diversos modos de vivê-lo, dando uma contribuição original ao conjunto. Com alegria, procuramos comunicar a outros as diversas formas (religiosa, sacerdotal, secular, masculina, feminina) de assumir a espiritualidade salesiana, cuidando juntos da proposta vocacional⁴⁵.

Vê-se, daquilo que dissemos, a *estreita ligação entre Pastoral Juvenil e orientação vocacional* a estabelecer-se intencionalmente e traduzir na ação.

Desde o início, a pastoral juvenil está orientada para um objetivo: tornar o crente atento ao chamado do Senhor e pronto a responder-lhe. Tornar “vocacional” toda a pastoral é fazer com que cada uma de suas expressões leve a pessoa a descobrir o dom de Deus em sua vida – fé, pertença à Igreja, qualidades particulares recebidas, a própria vocação-missão – ajudando-a a reconhecê-lo, desenvolvê-lo, colocá-lo a serviço da comunidade.

O trabalho com os jovens em cada presença, perseguindo o objetivo fundamental acima enunciado, deve *privilegiar algumas opções*.

⁴⁵ CG24, 143.

Coloco em primeiro lugar a *atenção preferencial às pessoas*, mais do que a realização de programas preparados, a transmissão de conteúdos intelectuais, a preocupação dominante da administração ou a manutenção das estruturas. Atenção às pessoas quer dizer aproximar-se delas, conhecê-las, torná-las amigas, estimulá-las a assumirem um projeto de vida.

Junto disso, deve-se colocar o *primado da evangelização*, fazer com os jovens conheçam a Cristo, motivá-los a deixar-se iluminar e interpelar por Ele, orientá-los para o encontro com Ele e para uma adesão sempre mais convicta ao sentido da vida que Ele revela. Una-se a isso o caminho de educação unitário e progressivo, que ajude a personalizar a fé e os valores do Evangelho, como bem o descreveu o CG23 que, a partir do encontro com Cristo indicava, com abundância de sugestões, o encaminhamento dos jovens ao trabalho pelo Reino⁴⁶.

É importante nesse percurso a participação ativa dos próprios jovens, estimulados a questionar-se e refletir, convidados a exprimir-se e deixar-se ajudar pelo desejo de provar-se e ousar na vida radical em conformidade com o Evangelho.

Pode acontecer que, levados por uma multidão de atividades, preocupados com as estruturas e atarefados na organização, corramos o risco de perder de vista o horizonte da nossa ação e aparecer como ativistas ou “agitadores” pastorais, gestores de obras ou estruturas, benfeitores admiráveis, mas pouco como testemunhas explícitas de Cristo, mediadores da sua ação salvífica, formadores de almas, guias na vida da graça.

Urge que se dê hoje, em cada presença nossa, o primado à evangelização, através da manifestação clara e explícita das motivações evangélicas da nossa ação, do anúncio da pessoa de Jesus, do contato direto e pedagogicamente preparado com a Palavra de Deus, dos momentos de celebração e oração pessoal e comunitária, dos encontros e comunicações significativas com pessoas de fé e comunidades cristãs ou com aqueles que estão em busca.

⁴⁶ Cf. CG23, 149-156.

Sublinhe-se, ainda, que a orientação vocacional de que estamos falando é feita *segundo alguns critérios*. São eles: não estar exclusivamente a recolher candidatos para um determinado tipo de vida, mas – sem descuidar da pastoral vocacional específica – propor-se, sobretudo, a fazer um *serviço de orientação a todos os jovens*; favorecer em âmbito eclesial e civil a *cultura vocacional*, isto é, a visão da vida como dom e serviço, mais do que um desejo excessivo de realização individual, como se todo o esforço pessoal devesse consistir em chegar a ser alguém; sugerir e desenvolver *algumas atitudes humanas e evangélicas fundamentais* em vista de uma opção responsável na linha do serviço, como a capacidade de gratuidade e doação, de relação e diálogo, de colaboração e partilha. Deve-se abrir, por último, o panorama vocacional da Igreja, também através de encontros e contatos que a façam conhecer de perto como portadores e testemunhas eminentes.

Pode-se insistir ainda sobre *algumas instâncias particularmente importantes* para que a nossa ação pastoral não fuja da intenção, da alma e do objetivo vocacional que a deve guiar.

– *Toda comunidade salesiana é a primeira e principal responsável pela animação vocacional dos jovens com os quais trabalha*. Insisto que a orientação vocacional não é competência só de alguns irmãos que receberam um encargo especial, mas uma dimensão qualificante da ação educativo-pastoral de toda a comunidade e de cada salesiano, como recordava-nos o CG23⁴⁷.

Os jovens devem experimentar a comunidade salesiana, não só como grupo de trabalho em vista de um serviço em favor deles, mas, sobretudo, como comunidade fraterna e de fé, desejosa de comunicar a própria experiência singular, capaz de contagiar a sua vocação: esta é a proposta vocacional primeira e mais eficaz.

⁴⁷ Cf. CG23, 247ss.

– *Não deixemos de orar constantemente pelas vocações, e desejá-las.* É a lição de Jesus e a sua reação diante das multidões que o seguiam e o exíguo grupo de apóstolos que deviam colaborar com Ele na missão. Antes de enviá-los, pede-lhes que rezem ao Pai para que multiplique os operários: “Ao ver as multidões encheu-se de compaixão por elas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor. Então disse aos discípulos: ‘A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para sua colheita...’. Chamando os doze discípulos, deu-lhes poder de expulsar os espíritos impuros e curar todo tipo de doença e de enfermidade...”⁴⁸.

A comunidade que não reza incessantemente pelas vocações, envolvendo outras pessoas, especialmente os jovens, não pode viver plenamente o mandato apostólico de Cristo.

A Diocese de Roma viveu uma reviravolta vocacional, que tem tido como eixo as quintas-feiras de oração pelas vocações, das quais participam também os jovens. É certo que o Senhor nos pede também para trabalhar. As noites de pesca sem Ele, porém, são cansativas e estéreis!

– *Tratar-se-á, depois, de ser capazes de fazer propostas.* Temos, às vezes, um certo pudor – uma espécie de temor – quanto à aceitação que poderia ter o discurso vocacional feito por nós, ou somos movidos por um falso respeito pela liberdade dos jovens. Isso impede-nos de fazer-lhes propostas claras e explícitas, que, de outro lado, eles recebem com abundância do ambiente circunstante e, muitas vezes, com escasso sentido educativo. Perdemos nos primeiros passos dos processos, chegamos à formação cristã muito genérica, quase *new age* e pouco personalizada, com escassos estímulos e acompanhamento daqueles que buscam mais e tendem para metas mais altas.

⁴⁸ Mt 9, 36-10,1.

Escrevia o P. Egídio Viganò: “O testemunho silencioso e o convite implícito nem sempre bastam para despertar as vocações. [...] Houve e, infelizmente, talvez persista em alguém, a dúvida e a negligência de querer exprimir abertamente, de forma oportuna, o convite pessoal. Não fazê-lo resulta, de fato, num pernicioso ‘silêncio vocacional’; poder-se-ia falar também de cobardia ou de inconsciência quanto ao próprio ministério, porque o jovem cristão tem, objetivamente, o direito de conhecer as propostas vocacionais da Igreja”⁴⁹.

Pode-se ser capazes de propostas, também, através do cuidado dos ambientes em que se vive com clareza e com alegria o projeto de Jesus, segundo as diversas opções vocacionais, com uma atitude positiva diante do mundo dos jovens, dos pobres e, em geral, dos valores humanos; onde há a oferta de propostas de espiritualidade a quem estivesse disponível, como a iniciação à oração, à escuta da Palavra, à participação dos sacramentos, à liturgia e à devoção Mariana; onde são promovidos os grupos e associações no Movimento Juvenil Salesiano, lugares privilegiados de amadurecimento cristão e vocacional; e onde se faz experiência de trabalho, gratuidade, voluntariado. Não se devem negligenciar o cuidado pelos ministérios eclesiais – também litúrgicos, como ajudantes, animadores, leitores e orientadores da assembléia litúrgica – e o convite pessoal ao cultivo da vocação através da participação em alguma comunidade de referência vocacional.

– Num contexto de primeira evangelização ou de re-evangelização assume uma importância especial a significatividade da Igreja e, portanto, a nossa participação na *animação da comunidade cristã* que deve fazer-se presente no ambiente, particularmente entre os jovens. Se ela apresenta-se como capaz de proposta e próxima dos jovens do ponto de vista social, cultural e religioso, também a proposta vocacional torna-se mais viável. Apóie-se, portanto, a formação e o desenvolvimento de um núcleo robusto de co-responsáveis capazes de propostas específicas, exigentes e profundas.

⁴⁹ ACG 339, p. 29

Acompanhar

O acompanhamento demonstrou-se determinante no caminho educativo e pastoral que coloca no centro a pessoa do jovem. De maneira singular, no sistema educativo salesiano, que se funda na presença do educador entre os jovens e na relação pessoal baseada no conhecimento e interesse recíprocos, na compreensão e confiança.

Dom Bosco foi seu mestre incomparável. As principais expressões do seu querer saber acompanhar são a busca de contatos com o jovem em seu ambiente, o colóquio educativo, a direção espiritual, o encontro sacramental.

Percebeu-se, em nosso tempo, a urgência de acompanhar, ser interlocutor válido, pela complexidade dos problemas que os jovens enfrentam e pela atenção pessoal que exigem.

Convém ir, portanto, além do trabalho de massa (embora válido e indispensável) e acompanhar cada um segundo o nível a que chegou, sobretudo os que manifestam desejo e vontade de progredir no caminho de educação na fé. Essa realidade desafia a nossa preparação.

Sabemos fazer catequese; conhecemos, porém, os percursos da graça para saber indicar os hábitos a abandonar e aqueles que se devem assumir? Concedemo-nos tempo para orientar não numa vaga religiosidade, mas na vida espiritual, aqueles que o desejam? Dom Bosco deu a Domingos Sávio algumas indicações para um percurso de santidade; como sentimo-nos a respeito?

Para evitar equívocos e para tranquilidade, é bom recordar que, quando falamos de acompanhamento, não nos referimos apenas ao diálogo individual, mas a todo o tecido de relações pessoais que ajudam o jovem a interiorizar os valores e as experiências vividas, a adequar as propostas gerais às próprias condições, a esclarecer e aprofundar motivações e critérios.

O acompanhamento inclui, então, o ambiente educativo promovido pela comunidade salesiana para favorecer a interiorização das propostas educativas e, relacionado com ela, o crescimento vocacional, a presença entre os jovens, com vontade de conhecê-los e participar com confiança da vida deles, cuidada por toda a

comunidade e cada irmão, a promoção de grupos onde os jovens são acompanhados pelo animador e encorajados pelos próprios companheiros.

Há um campo importante para o acompanhamento, possível à maior parte dos irmãos: são os contatos breves, ocasionais, que demonstram interesse pela pessoa e pelo seu mundo; a atenção educativa a determinados momentos de significado especial para o jovem; os momentos sistemáticos de diálogo pessoal, segundo um plano preestabelecido, ao redor de um projeto de vida simples, mas exigente; o contato com a comunidade salesiana, para participar e aprender dela a vida de oração, a fraternidade e o estilo de apostolado.

Quais opções dever-se-iam privilegiar para que exista em nossas obras uma atenção preferencial aos indivíduos e oportunidades diversificadas de contato e diálogo pessoal?

Algumas áreas de atenção especial

Tempos atrás, e depois de não poucas ambigüidades no pensamento e na ação, afirmou-se a distinção entre pastoral vocacional geral, para todos, e pastoral vocacional específica, que busca descobrir e acompanhar as vocações de especial significado na dinâmica do Reino.

Devemos promover todas as vocações na Igreja. Hoje, porém, afirma o documento “Novas vocações para uma nova Europa”, existem algumas vocações que exigem uma atenção especial de nossa parte. “Num tempo, como o nosso, necessitado de profecia, é sábio favorecer as vocações que são um sinal particular daquilo que seremos e ainda não nos foi revelado”⁵⁰, como as vocações de especial consagração.

É sábio, também, e indispensável, favorecer o aspecto profético típico de cada vocação cristã, compreendida a laical, para que a

⁵⁰ *1Jo* 3,2.

Igreja, perante o mundo, seja sempre mais sinal das coisas futuras, daquele Reino que “já existe agora, mas não ainda”⁵¹.

– A vocação à vida consagrada

Nossa sociedade, e com frequência, a própria comunidade cristã, não têm um conhecimento adequado da vida religiosa para entender o seu sentido e valor.

Nossa forma de viver a vida consagrada perdeu visibilidade e, em não poucos aspectos, parece indecifrável. Isso torna-se ainda mais preocupante diante da crescente presença dos leigos na Igreja e, para nós, na missão salesiana. É verdade que eles podem dar muito, mas é igualmente verdade que Dom Bosco quer uma comunidade de consagrados no centro da sua família.

A proposta vocacional salesiana exige hoje, então, mais do que no passado, que se viva e apresente, na fidelidade ao projeto de Dom Bosco, uma figura de consagrado, que seja significativa para os jovens e faça emergir os aspectos fundamentais da vida consagrada, mais do que os ministeriais ou funcionais.

Não é suficiente falar de Dom Bosco e da missão salesiana, mas deve-se apresentar também a importância e o valor que a vida em Deus têm no projeto de Dom Bosco, como ponto preciso de referência do carisma. “Dom Bosco quis pessoas consagradas no centro de sua obra, orientada à salvação dos jovens e sua santidade... Com a própria dedicação total eles haveriam de dar solidez e impulso apostólico à continuidade e expansão mundial da missão”⁵².

– A vocação à vida laical e familiar

Nossa ação educativo-pastoral é, muitas vezes, pouco propositiva do ponto de vista das saídas vocacionais. Parece que nos pro-

⁵¹ Cf. “Novas vocações para uma nova Europa”, n. 22.

⁵² CG24, 150.

cupam somente algumas opções especiais de vida, e que a vida laical e familiar não é considerada como uma verdadeira vocação.

Muitos jovens empenhados e disponíveis, casais de noivos e jovens esposos, universitários e jovens trabalhadores pedem-nos para ser acompanhados com mais atenção nos momentos de sua busca e opção vocacional. A Pastoral Juvenil e a animação vocacional devem apresentar, por isso, a esses jovens, os diversos modelos vocacionais na Igreja, dando o justo valor à opção vocacional à vida laical e familiar. Nós mesmos precisamos valorizar mais o matrimônio como uma verdadeira vocação e trabalhar no acompanhamento dos jovens em seu caminho de discernimento e amadurecimento dessa opção.

– Os jovens adultos: animadores e voluntários

São jovens que compartilham generosamente muitos aspectos da missão salesiana, têm uma vontade autêntica de serviço e estão em busca de um projeto de vida significativo para eles, embora, depois, caberá a eles mesmos enfrentar o caminho de realização do primeiro sonho. É preciso ajudá-los para que a experiência de animação ou voluntariado seja de peso e abertura vocacional, e os estimule a pensar a própria vida segundo o Evangelho e o plano de Deus sobre eles.

Isso exige de nós o empenho para que cada um deles possa aprofundar a fé e refletir sobre as próprias experiências de animação, dando-lhes oportunidades concretas de acompanhamento pessoal e facilitando propostas de momentos fortes de espiritualidade e vida cristã. Pode acontecer, às vezes, que estejamos mais preocupados com a sua ação de serviço do que com suas pessoas e seu desenvolvimento vocacional.

– As famílias

Outra categoria de pessoas, que me parece importante relacionar com a animação vocacional, são as famílias. Muitas delas, mesmo cristãs, devido a causas e situações diversas, têm dificuldade

para compreender, respeitar, encorajar e promover a opção vocacional dos filhos e filhas. Pensam, muitas vezes, em seu futuro com critérios diversos, se não contrários aos valores evangélicos que constituem a cultura vocacional. É importante de nossa parte, então, conhecer e interessar-nos pela experiência familiar vivida pelos nossos jovens, acompanhar e ajudar os pais em sua responsabilidade de educadores da fé, aprofundar com eles o sentido da vocação e interessá-los no caminho educativo e pastoral que se vai propondo a seus filhos. Há na Congregação exemplos admiráveis de famílias que se reúnem para apoiar com a oração e o acompanhamento a vocação dos filhos: são iniciativas a promover!

O anjo anunciou a Maria

Concluo, como sempre, com uma referência mariana.

Entre as vocações bíblicas, a de Maria não é só a mais determinante na história, como também aquela bordada com mais luz e simplicidade. A narração é construída com acenos da Bíblia, que se referem a antigas esperanças, exprimem expectativas atuais e antecipam os sonhos de salvação do homem. Maria, que personaliza a humanidade, ressenete-se disso tudo, e é chamada a colocar-se à disposição de Deus para realizá-lo.

Detemo-nos, muitas vezes, nas atitudes e palavras de Maria. E com razão. Ela é ícone da Igreja e modelo de disponibilidade.

Há, na Anunciação, *uma imagem de Deus*. Um discutido filme procurou explorá-la. Trata-se de um Deus “pessoal” que acompanha as vicissitudes do homem e o salva com seu amor através de intervenções e mediadores reconhecíveis.

Deus manda um anjo: comunica-se a Maria, como em muitas páginas bíblicas, por meio de um mensageiro e de uma voz que ressoa, mais interiormente do que exteriormente. Deus faz-nos conhecer os seus desígnios não só, e talvez nem principalmente, em momentos solenes ou com modalidades vistosas, mas na vida ordinária. A anunciação acontece em Nazaré, numa casa particular, a uma jovem noiva, que faz a experiência humana do amor, da família e da responsabilidade.

Ouviremos Deus em nós mesmos no decorrer da vida e no desenvolver-se dos trabalhos. Vendo ao nosso redor meninos e meninas, porém, deveremos pensar que também está acontecendo em seu coração uma comunicação com Deus. As mediações são importantes, mas na história da salvação, o Senhor muitas vezes não fez caso delas, como no caso de Abraão, Samuel e no de Maria. Talvez tenha sido esta uma das experiências do *Fórum 2000* e da *Jornada Mundial da Juventude*. O Senhor precedeu-nos na mente e nos desejos de muitos jovens.

Deus tem, ainda, o poder misterioso de tornar fecundo o que, aos olhos humanos, é estéril, limitado ou perdido. E trata-se de uma fecundidade não comum, mas preciosa, da qual têm origem os filhos de Deus.

Este é um convite a rever a nossa fé na ação e na energia do Espírito. Justamente como uma virgem pode conceber um filho, assim também o nosso mundo, aparentemente estéril, pode – por obra do Espírito – ser fecundo de possibilidades que nem ousaríamos sonhar.

Detemo-nos, muitas vezes, a perscrutar a alma de Maria através de sua postura e palavras, para descobrir alguma coisa além da cena exterior. Entendemos que o mais importante e misterioso acontece em seu coração e em sua mente. Sua conversação com o anjo, trate-se de revelação, visão, audição ou apenas inspiração interior, é particular e escondida. É, certamente, atenção à própria vida, escuta atenta em forma de discernimento daquilo que ressoava em seu interior. É diálogo confiante com Deus quanto ao seu destino; é disponibilidade à proposta de Deus; é entrega confiante a Ele para a realização daquilo que lhe está sendo pedido, para as etapas intermediárias e para o resultado final.

Há, em cada vida, uma anunciação, ou melhor, várias e relacionadas: elas propõem uma novidade, iluminam a compreensão e convidam a abrir-se à esperança.

A anunciação recorda-nos que a nossa resposta a Deus, dócil, confiante e contínua, é pessoal. O homem e a mulher nada produzem que, antes, não tenha sido concebido e amadurecido interiormente. Pensamentos, sentimentos, desejos, projetos, acontecimen-

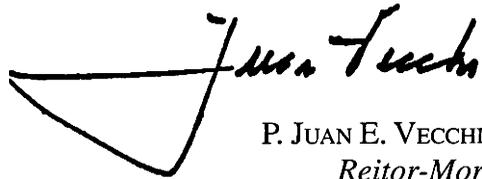
tos são elaborados em nosso coração. Ali há o santuário de Deus. A partir daquele santuário Maria confessa seu propósito de virgindade, sua disponibilidade, sua entrega confiante.

O Espírito não age por força, nem mecanicamente, mas por sugestão, diálogo interior, inspiração: usa todo o tempo necessário para fazer uma obra completa e bem combinada, com calma, em ritmo humano.

É também o nosso percurso e aquele que ajudamos os jovens a trilhar. Conceda-nos Maria que saibamos “amplificar” e ser mediadores da palavra pessoal do Senhor que ressoa, nem sempre compreensível, no coração dos jovens.

São estes os votos que, com minha saudação fraterna, desejo lhes fazer: a reflexão sobre o tema do próximo Capítulo Geral reforce a capacidade vocacional de cada comunidade e de cada irmão.

Com a proteção de Dom Bosco e da Auxiliadora,

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Vecchi". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J' that extends downwards and to the left, crossing the baseline of the text.

P. JUAN E. VECCHI
Reitor-Mor

2. UMA NOVA ETAPA PARA O MOVIMENTO JUVENIL SALESIANO

P. Antônio DOMENECH

Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil

Celebrou-se, em agosto passado, o *Fórum* mundial do MJS, um momento de graça e uma experiência salesiana muito significativa para os mais de 200 jovens animadores e 100 entre FMA e SDB participantes.

O MJS não é só desejo ou sonho, mas uma realidade cheia de vida, presente nos cinco continentes. Dom Bosco, com sua pessoa e seu carisma, cria entre os jovens, tão diversos pela língua e cultura, uma corrente de comunhão, a ponto de todos sentirem-se logo em família; eles mesmos exprimiam-no na mensagem final: *“De diversas línguas, tradições, histórias, sensibilidades e modelos de sociedade, mas unidos por uma única paixão: a vida em todas as suas expressões, por uma única norma: o Evangelho do Senhor; por um único sonho: a felicidade de todos os jovens, sobretudo os mais pobres; por um único estilo: a Espiritualidade Juvenil Salesiana”*.

O valor mais importante do evento será certamente o novo desenvolvimento do MJS no mundo, com o seu crescimento na qualidade educativa e o aprofundamento na experiência da Espiritualidade Juvenil Salesiana. O Reitor-Mor augurava-o em sua mensagem ao *Fórum*.

Como Salesianos, não podemos deixar este momento passar; precisamos colher todos os seus questionamentos, colaborar para

que dê fruto abundante nos diversos grupos e associações do MJS, presentes em nossas comunidades e Inspetorias, acompanhar e ajudar os jovens em seu esforço de animação e protagonismo.

Gostaria de compartilhar convosco, nesta breve comunicação, algumas experiências vividas nestes dias e os desafios que delas nascem.

2.1 Algumas experiências significativas

Entre as numerosas impressões e experiências que marcaram os participantes, escolho algumas que me parecem mais compartilhadas e mais significativas para nós Salesianos.

– A enorme *força rebocadora da pessoa de Dom Bosco e de Madre Mazzarello* e da sua proposta de vida cristã.

Criou-se, logo, entre todos os jovens participantes, uma comunidade profunda e alegre; através de línguas diversas, falava-se a mesma linguagem da Espiritualidade Juvenil Salesiana. Vimos como a proposta de Dom Bosco, a sua paixão pela vida e o seu estilo marcado pela sinceridade e imediatismo de relações pessoais, pela alegria e confiança nos recursos positivos das pessoas, atrai os jovens, tornando-os disponíveis para uma resposta total. Precisamos constatar novamente que o carisma salesiano é um dom de Deus para os jovens de hoje, capaz de chegar ao seu coração e mover os dinamismos mais ricos de suas pessoas.

– Jovens com uma grande *sede de espiritualidade e de vida evangélica* profunda na simplicidade e normalidade quotidiana.

Percebeu-se com clareza, nos diversos testemunhos, nas comunicações e partilhas de grupos, nos momentos intensos de oração, que muitos jovens do MJS buscam silêncio, interiorização, relação pessoal com Jesus e com Maria; e não só em momentos extraordinários, mas também no desenvolvimento normal da vida quotidiana. Isso é manifestado, entre outras coisas, no esforço de “favorecer o encontro pessoal com Jesus, com a interiorização da Palavra de Deus, a frequência assídua dos Sacramentos e a práti-

ca constante da oração pessoal e comunitária, encarnadas na vida de todos os dias, à imitação de Maria” (cf. Documento final).

Pode-nos parecer, às vezes, que os jovens de nossos ambientes e grupos sejam superficiais; muitas vezes, porém, em seu estilo barulhento e festivo, procuram viver, e muitos deles fazem o esforço de viver, uma verdadeira vida espiritual. Várias vezes exprimiram o pedido de ajuda, acompanhamento e apoio nesse caminho, precisamente porque estão conscientes de que o ambiente que os circunda não o favorece. E essa ajuda, eles esperam sobretudo dos SDB e das FMA.

– Jovens com uma grande *sensibilidade diante das diversas situações do mundo atual, sobretudo do mundo dos jovens mais pobres e marginalizados.*

Os jovens apresentaram com grande realismo, nos dois primeiros dias do *Fórum*, a situação, às vezes dramática, dos jovens dos respectivos continentes, individualizando os grandes desafios que se lhes colocam. Percebia-se, além disso, em muitos testemunhos, que o empenho pelos mais pobres, sobretudo no campo do voluntariado, era a escola em que amadureciam como cidadãos e como cristãos e aprofundavam o sentido vocacional da vida. Entre os campos de ação que marcaram o documento final aparece com insistência a opção preferencial pelos pobres: “*O MJS deve sair dos muros conhecidos indo ao encontro dos imigrantes, dos últimos, dos mais pobres, lá onde vivem*”; sublinhou-se, também a presença do MJS em âmbito sociopolítico.

É interessante constatar que os próprios jovens estão conscientes de que o Evangelho é modelo de referência e critério inspirador desse empenho. “*Os testemunhos do MJS, vindos dos diversos continentes, encorajaram-nos a estar presentes entre os jovens, especialmente os mais pobres... e tomamos consciência ser necessário, para poder oferecer um serviço eficaz, uma adequada competência educativa, uma boa maturidade humana e uma forte carga interior, alimentada pela união com Jesus*”.

– *Experiência de diálogo e verdadeira reciprocidade* entre jovens e adultos na Família Salesiana.

Os jovens participantes do *Fórum* eram jovens-adultos que há anos vivem o estilo salesiano e animam o MJS em suas nações; jovens protagonistas, portanto, que tomaram a palavra, contribuíram com a própria experiência e as próprias exigências, propuseram com clareza e decisão algumas linhas de futuro para o Movimento nos próximos anos. É preciso notar, porém, que esses jovens não só acolheram com interesse a presença e a contribuição dos Salesianos e Salesianas adultos que os acompanhavam, mas os pediram e valorizaram. Viveu-se na partilha dos grupos, na apresentação da reflexão, nas visitas aos lugares salesianos, nos momentos de festa e celebração, uma verdadeira reciprocidade de contribuições, resultando para todos, também para nós adultos, uma verdadeira escola prática de salesianidade e sensibilidade juvenil.

Esses jovens podem ser, como educadores e animadores, os verdadeiros protagonistas e responsáveis do MJS, como o Reitor-Mor em sua mensagem convidava-os a ser; eles, porém, desejam e procuram também a nossa colaboração e a nossa contribuição como acompanhantes e testemunhas.

2.2 Alguns desafios e apelos importantes

Olhando essa experiência com atenção, podemos colher os desafios que estimulam o nosso compromisso educativo pastoral. Assinalo-vos alguns deles.

– Uma nova etapa do MJS: *para um futuro mais maduro e mais fecundo.*

O *Fórum* foi uma manifestação clara da qualidade e maturidade dos jovens animadores do MJS, fruto de um paciente processo educativo nos diversos grupos, associações e obras salesianas, do contato cotidiano com pessoas e comunidades que os interpelaram e estimularam a crescer, de experiências de compromissos sempre mais totais e radicais.

Pode-se afirmar, com certeza, que o MJS é, na Igreja, uma das “*expressões providenciais da nova primavera suscitada pelo Es-*

pírito”, e, como tal, uma expressão privilegiada da Pastoral Juvenil Salesiana.

Os grupos juvenis, na pastoral salesiana, são o lugar da relação educativa e pastoral, onde educadores e jovens vivem a familiaridade e a confiança que abrem os corações, o ambiente onde se faz experiência dos valores salesianos e desenvolvem-se os itinerários educativos e de evangelização, o espaço onde é promovido o protagonismo dos próprios jovens no empenho pela sua formação e inserção crítica e responsável na sociedade e na Igreja. O MJS, como comunhão de todos esses grupos, é uma das formas de presença e trabalho pastoral mais amplas e abrangentes. A qualidade dos jovens animadores que percebemos no *Fórum* é, para nós Salesianos, um apelo: – a descobrir com entusiasmo *a identidade do MJS, como o ambiente juvenil em que os jovens podem viver e experimentar o projeto educativo e pastoral de Dom Bosco*; – a colaborar em sua difusão e consolidação em todas as nossas presenças; – a oferecê-lo convictamente a muitos outros jovens que estão fora dos nossos muros e presenças, e esperam uma proposta de caminhos concretos para desenvolver educativamente suas capacidades e recursos.

– *O encontro do salesiano, religioso ou leigo, com o jovem*, ponto-chave no caminho de crescimento humano e cristão.

Escutando os jovens falarem da própria experiência no MJS, chamou-me a atenção, na maioria dos testemunhos, a importância fundamental do encontro pessoal com um salesiano ou uma comunidade. A partir desse encontro muitos deles percorrem um caminho exigente de fé. Um deles afirmava: “*Descobri Dom Bosco e Madre Mazzarello nos Salesianos e Salesianas que me acolheram e acompanharam com confiança e fidelidade*”.

Mais uma vez, os jovens fizeram-nos o pedido para estar com eles, acolhê-los, compartilhar a vida com eles, particularmente nos momentos espontâneos e informais; querem junto deles pessoas que saibam ver o positivo e olhá-los com esperança, que vivam e apresentem Jesus e o Evangelho com clareza e alegria, que os acompanhem e estimulem em sua formação e amadurecimento humano.

A Madre Geral das FMA, Ir. Antônia Colombo, concluiu sua intervenção no *Fórum* com esta breve mensagem endereçada sobretudo às FMA e aos membros adultos da FS: “*Tenham o mundo dos jovens, não para ser ‘juvenistas’, mas para encontrar os jovens concretos na realidade magnífica e dramática que caracteriza o nosso hoje; habitem as periferias onde eles estão; habitem seus desejos e alimentem seus sonhos, levando-os além; saibam ler suas exigências de sentido, a necessidade de conhecer onde mora o Mestre e de, à pergunta deles, responder: ‘Vinde e vede’*”.

Os próprios jovens propõem nas conclusões do *Fórum*: “*Promover entre os jovens a presença ativa dos salesianos, salesianas e animadores. Dedicar tempo a escutá-los e acompanhá-los. Acompanhamento que seja pessoal e comunitário, contínuo e sistemático, em vista de um projeto de vida autenticamente evangélico*”. Creio que seja um compromisso a assumir em primeira pessoa.

– *Formação dos animadores*, condição fundamental para o desenvolvimento do MJS.

O MJS desenvolveu notavelmente nestes anos a formação dos animadores; passou-se da preparação rápida e esporádica à formação sistemática, da preparação ocasional à preparação bem projetada e pensada. Isso é sinal positivo de crescimento. Os próprios jovens, porém, estão conscientes da necessidade de melhorar. O próprio Reitor-Mor apresenta-o como uma das linhas de futuro para o movimento: “*A responsabilidade e animação do MJS exige vida cristã sólida e forte identidade salesiana. Encorajo-vos, por isso, a cuidar com especial atenção da vossa formação pessoal*”; e, em seguida, indica alguns de seus objetivos.

Estes propósitos empenham de modo especial as nossas comunidades salesianas; entre as responsabilidades específicas de animação que o CG24 nos indica, há aquela de “*promover a formação espiritual, salesiana e vocacional*” (cf. CG24, 159).

Os jovens pedem uma formação, sobretudo, prática, isto é, a partir da própria experiência na animação, do compromisso pro-

fissional e sociopolítico; uma experiência refletida, aprofundada e compartilhada no grupo e na comunidade cristã. Animar a formação exige de nós uma dedicação especial, como recordava-nos ainda o CG24: *“Os SDB tenham como pessoal empenho específico, além de prioritário e privilegiado, responder positivamente ao pedido e ao direito de formação e animação que lhes chega dos leigos da FS, para que estes se tornem, por sua vez, animadores e formadores na família, no próprio ambiente de vida e de trabalho, na comunidade eclesial e na sociedade”*. Estas palavras claras e precisas devem ser por nós aplicadas diretamente na formação dos animadores do MJS.

– O MJS, ambiente de orientação e proposta vocacional para todos os jovens

Uma jovem concluía o seu testemunho no *Fórum*, dizendo: *“Convido-vos a continuar optando pela causa de Cristo todos os dias, onde quer que vos encontréis. Não só podemos oferecer um ou dois anos da nossa vida para fazer um voluntariado, mas podemos e devemos converter a nossa vida num instrumento que difunda o Reino de Deus em nossa família, entre nossos amigos, em nosso trabalho...”*. Um verdadeiro convite vocacional, que manifesta como o caminho de formação cristã, realizado no MJS leva, quando bem desenvolvido, à visão vocacional da vida e ao discernimento e opção vocacionais.

Em várias partes do mundo, de fato, muitas vocações à vida religiosa ou sacerdotal e também à vida laical empenhada na Família Salesiana florescem nos grupos e associações do MJS, sobretudo entre os animadores. Esse aspecto, entretanto, deve ser mais cuidado e desenvolvido ainda. Nossos jovens, sobretudo os jovens animadores, têm o direito de receber de nós um estímulo para pensar a própria vida e o próprio empenho em chave vocacional; devemos suscitar com clareza, em seu acompanhamento pessoal, a questão vocacional, e encorajar a sua resposta generosa. Há algumas indicações nesse sentido na carta do Reitor-Mor que encontramos neste número dos Atos.

– Ser, entre os jovens, verdadeiros *animadores espirituais e testemunhas significativas da opção preferencial pelos mais pobres*.

São duas exigências precisas que os jovens do *Fórum* dirigem aos SDB. Querem ver em nós testemunhas coerentes e convictas do Evangelho: homens realmente pobres e de oração, que sabem viver e trabalhar em comunidade. Pessoas que os acompanhem e ajudem na caminhada, para traduzir na vida os valores da Espiritualidade Salesiana; comunidades que, com sua opção decidida pelos mais pobres e necessitados, encoraje-os na resposta generosa aos enormes problemas do mundo juvenil. Um vez mais o pedido dos jovens coincide com as indicações precisas que recebemos dos CG 23 e 24, quando nos empenham a desenvolver na CEP uma ação animadora específica (cf. CG24 159).

– Um apelo a *trabalhar juntos com todos os grupos da FS*.

“É preciso que os membros dos diversos grupos da FS, jovens e adultos, consagrados e leigos, trabalhem juntos, com capacidade de projeto coordenado e co-responsável, evidenciando as coisas comuns”: foi também esse um convite insistente dos jovens e, ao mesmo tempo, uma experiência alegre vivida nestes dias. É interessante que, entre as perguntas feitas à Madre Antonia Colombo ou ao Reitor-Mor, sempre esteve presente a do trabalho conjunto. Os jovens não vivem tantas dificuldades estruturais e históricas como nós podemos ter e, por isso, impelem-nos a caminhar e trabalhar juntos, em vista do carisma e da missão comuns.

O MJS é *uma realidade da Família Salesiana inteira*; em sua animação devemos colaborar, todos os grupos, com uma ação convergente e solidária (cf. ACG 358). Isso, na realidade, já acontece, mas, no futuro, deve consolidar-se e estender-se também a outros campos e lugares.

Como dizia no início, o *Fórum* foi um momento de graça e uma intensa experiência de salesianidade; experimentamos os dons que o Senhor concede à nossa Família em tantos jovens, que na escola de Dom Bosco e de Madre Mazzarello estão amadurecendo uma vida cristã realmente voltada à santidade. Isso encoraja-nos a continuar e aprofundar o nosso trabalho educativo e de formação

cristã, cuidando sobretudo da sua qualidade, de modo que, sem excluir ninguém, encontremos espaços e propostas adequadas para responder com decisão e exigência a todos os que procuram e querem uma vida cristã mais radical. Entre estes devemos cuidar de modo especial dos animadores dos diversos grupos e associações: eles são o coração do MJS; devemos acompanhá-los e formá-los para que possam crescer sempre mais em sua vida cristã, em sua opção vocacional e em sua identidade salesiana.

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Como já foi recordado no número anterior dos Atos do Conselho (cf. ACG 372, n. 4.1), o Reitor-Mor iniciou o mês de **junho de 2000** presidindo a Assembléia dos Conselhos Gerais da Família Salesiana, realizada no “Salesianum” nos dias 1^a a 5 de junho, concluindo-a com uma intervenção de síntese e orientação, que é apresentada no n. 5.2 deste número dos Atos.

O Reitor-Mor dedicou a maior parte do restante do mês e o máximo empenho nos trabalhos da sessão plenária do Conselho Geral, que teve início na terça-feira **6 de junho** (cf. n. 4.2 deste número dos Atos. Durante todo o período continuou o trabalho ordinário de animação da Congregação (audiências, visitas, encontros etc.), em que foram inseridos alguns momentos muito significativos.

Recordem-se, entre eles, a festa organizada ao redor do Reitor-Mor na mesma Casa Geral, para celebrar em família o seu aniversário (**23 de junho**) e o onomástico (**24 de junho**, festa de São João Batista).

Sexta-feira **30 de junho**, o P. Vecchi, acompanhado pelo P. Fran-

cesco Cereda, Superior da Visitadoria da UPS, foi a Sondrio para a *Comemoração do P. Egídio Viganó*, no 7^o aniversário de sua morte. O Reitor-Mor, nessa ocasião, *benzeu os locais da obra ultimamente reestruturada*.

Tudo se desenvolveu regularmente durante a tarde. À noite, o Reitor-Mor sentiu uma forte dor de cabeça e, pela manhã, os irmãos perceberam logo que seu estado de saúde não era bom. Gostariam de tê-lo retido em Sondrio para consultas médicas ou outras providências, mas o P. Vecchi quis retornar a Roma, segundo o programa.

Em Roma, na segunda-feira, 2 de julho, o P. Vecchi submeteu-se a uma ressonância magnética que evidenciou a presença, na têmpora direita do crânio, de um tecido neo-formado com estrutura não homogênea.

O médico, visto o resultado, dispôs a internação hospitalar imediata do P. Vecchi no Hospital Gemelli onde, na tarde de quarta-feira **3 de julho** foi submetido à intervenção cirúrgica pela equipe do Prof. Massimo Scerrati que levou à extirpação do tecido neoplástico, que se demonstrou circunscrito e não ramificado.

Durante os dias de hospitalização, o Reitor-Mor foi constantemente assistido pelos membros do Conselho Geral e por alguns irmãos da Casa Geral, que o acompanharam dia e noite até a terça-feira 18 de julho, quando teve alta. Foi visitado, nesses dias, pela Madre Geral e várias irmãs e irmãos. À saída do hospital, o P. Vecchi foi acompanhado à nossa casa de “São Calisto” – que goza de um clima bom em ambiente acolhedor e protegido – para um período de convalescença, assistido pelos Salesianos da casa, por irmãos da Pisana e pela Ir. Maria Eulália Piñarte, da Congregação dos Sagrados Corações, pertencente à Comunidade da UPS.

Nesse tempo, com regularidade, o Vigário do Reitor-Mor – através de ANS – providenciava o envio de notícias sobre o estado de saúde do P. Vecchi a toda a Congregação.

Quarta-feira 2 de agosto, o Reitor-Mor retornava à Pisana retomando, embora gradualmente, os seus trabalhos habituais (entre os quais as reuniões do Conselho Geral). Como estabelecido pelos médicos, uma semana após a cirurgia, iniciou – indo todos os dias ao hospital Gemelli – as sessões de radioterapia, que o ocupará ao longo de todo o mês de setembro.

Nesse período, o Reitor-Mor precisou suspender as viagens distantes, programadas há tempo. Não faltaram, porém, algumas ocasiões particulares em que pôde estar presente.

Sábado 12 de agosto, P. Vecchi, acompanhado pelo Vigário P. Luc Van Looy, foi ao Colle Don Bosco para encontrar os jovens participantes do *Fórum*.

Do aeroporto de Caselle, o Reitor-Mor foi levado a Turim-Valdocco para o almoço com os irmãos. Em Valdocco, visitou os irmãos da enfermaria e celebrou a Santa Missa nas “*camerette*” de Dom Bosco. À tarde, foi ao Colle, onde transmitiu aos jovens a sua mensagem, apresentada no n. 5.2 destes ACG.

Presidiu na manhã de domingo 13 de agosto a solene Celebração no templo de Dom Bosco e à tarde retornou a Roma.

Celebrou a **festa da Assunção** na Casa Geral, presidindo a Celebração Eucarística da comunidade. Em seguida, retomou o ciclo de terapia. Em 22 de agosto, acompanhado pelo ecônomo geral P. Giovanni Mazzali, foi à UPS para uma rápida visita e ver particularmente o estado – muito avançado – dos trabalhos de construção da nova biblioteca “Dom Bosco” e da reestruturação de um setor destinado a hospedar uma comunidade de estudantes.

O Reitor-Mor participou no dia 7 de setembro do encontro dos representantes das IUS (Instituições Universitárias Salesianas) que – no âmbito do Jubileu dos universitários – reuniram-se no *Auxilium*. P. Vecchi apresentou uma intervenção sobre o tema: *O carisma salesiano interpela a instituição universitária*.

Recorde-se, também, entre os momentos significativos, a visita do Reitor-Mor aos irmãos doentes na enfermaria inspetorial do Instituto Pio XI de Roma, na tarde de domingo, **17 de setembro**: uma visita muito fraterna, em espírito de família.

4.2 Crônica do Conselho Geral

A sessão plenária de verão do Conselho Geral – nona desde o início do sexênio – teve início em 6 de junho de 2000 e concluiu-se em 21 de julho, com o total de 26 reuniões plenárias, acompanhadas de outros encontros de grupos e setores.

O Conselho, como sempre, esteve empenhado – numa parte do tempo disponível – em dar andamento às numerosas práticas provenientes das Inspetorias: nomeações dos membros de Conselhos Inspetoriais e aprovações das nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (contam-se no período: 13 aberturas de novas presenças, 20 ereções canônicas de casas, 6 encerramentos canônicos), práticas relativas a irmãos e práticas econômico-administrativas.

O maior tempo foi dedicado, contudo, aos assuntos relativos ao governo e à animação das Inspetorias e ao estudo de temas ou problemas de caráter mais geral concernentes à vida e missão da Congregação em seu conjunto. Dá-se aqui um elenco dos assuntos principais.

Nomeação de Inspetores

A nomeação de Inspetores ou Superiores de Visitadoria foi, também nesta sessão, um trabalho de grande empenho do Conselho Geral, que a ele se dedicou seguindo o procedimento usual, que compreende: análise da consulta inspetorial, discernimento em Conselho, uma primeira votação-sondagem sobre os candidatos principais, votação definitiva com o consenso sobre o candidato designado. Este é o elenco, em ordem alfabética, dos Inspetores nomeados: Armando Álvarez Díaz, Inspetor de Medellín, Colômbia; Bernardo Bastres Florence, Inspetor de Santiago do Chile; Claudio Filippin, Inspetor da Inspetoria Vêneta Leste, de Veneza-Mestre; Henryk Boguszewski, Superior da Circunscrição Especial da Europa - Leste; Miguel Ángel Cardozo, Inspetor do Paraguai; Robert John Gore, Inspetor da Visitadoria da África Meridional; Rozmus Tadeusz, Inspetor de Cracóvia, Polônia; Thomas Mullaikal, Inspetor de Dimapur, Índia (podem-se ver alguns dados pessoais dos Inspetores nomeados no n. 5.4).

Relatórios sobre as visitas extraordinárias

Outro trabalho importante do Conselho foi, como em todas as sessões plenárias, o exame dos relatórios das Visitas Extraordinárias feitas pelos Conselheiros, em

nome do Reitor-Mor, no período fevereiro-maio de 2000. O relatório da Visita Extraordinária, que é apresentado pelos respectivos Visitadores, representa para o Conselho um momento privilegiado de conhecimento e reflexão sobre a realidade salesiana da Inspeção, a vida e a missão das comunidades, sobre a significatividade do projeto inspetorial e sobre as perspectivas de futuro. Dele derivam não só indicações úteis para a carta conclusiva do Reitor-Mor, mas também propostas de iniciativas de acompanhamento por parte dos Conselheiros.

Foram estas as Inspeções ou Circunscções, em ordem alfabética, cujos relatórios foram examinados: África Ocidental de Língua Francesa; Alemanha Norte; Bélgica Norte; Brasil – Campo Grande; Espanha – Madri; Estados Unidos – Leste; Índia – Hyderabad; Itália – Vêneto Leste.

Relatórios informativos de cada Conselheiro

Como nas demais sessões plenárias, os Conselheiros de setor (formação, pastoral juvenil, Família Salesiana e comunicação social, missões, economia), como também o Reitor-Mor e seu Vigário, apresentaram um breve relatório das principais atividades desenvolvidas – pessoalmente e em nível de Dicasterio – no serviço da animação das Inspeções e da Congregação em nível mundial.

Seguiu-se à apresentação desses “relatórios informativos”, um tempo de confronto em Conselho, com a finalidade de sublinhar caminhos de convergência, pontos que exigem maior atenção ou temas para os quais se vê necessário ou oportuno um outro e mais aprofundado exame por parte do Conselho.

Temas de estudo e decisões operativas

Durante a sessão, juntamente com os assuntos relativos às Inspeções e Regiões, o Conselho enfrentou alguns temas mais gerais do governo e da animação da Congregação, com atenção aos pontos incluídos na programação do sexênio e alguns aspectos relativos ao futuro da Congregação. Não faltou alguma decisão sobre temas particulares. Apresentam-se em seguida os principais temas de reflexão.

a) Conclusão da revisão da “Ratio Formationis”

O Reitor-Mor e o Conselho continuaram o trabalho de revisão da “Ratio Formationis”, que fora confiado ao Conselho pelo CG24, através do Conselheiro para a Formação (cf. CG24, 147). Foi submetida, particularmente, a uma nova e cuidadosa revisão, a parte normativa (*Orientações e normas para a práxis*), já considerada em abril, e foi examinado o texto de

“*critérios e normas para o discernimento vocacional. As admissões*”, que ainda não tinha sido visto. O Conselheiro para a Formação apresentou ao Conselho o texto reformulado no Dicastério, levando em consideração as observações recebidas dos formadores e valendo-se também do parecer de especialistas.

Com esta última fase, o trabalho de revisão da *Ratio* foi concluído pelo Conselho, que entregou suas próprias observações ao Conselheiro para a Formação e ao Reitor-Mor, a quem cabe promulgar o texto renovado.

b) Providências em vista do CG25

O Reitor-Mor e o Conselho Geral, na sessão intermédia extraordinária de abril de 2000 (cf. ACG 372, crônica do Reitor-Mor, n. 4.1), estudaram e definiram o tema do Capítulo, nomearam o Regulador e estabeleceram os critérios para a Comissão Técnica Preparatória – nomeada depois pelo Reitor-Mor e em seguida convocada pelo Regulador. Agora, o Conselho dedicou ainda algum tempo para refletir sobre alguns pontos concretos – apresentados pelo próprio Regulador – em vista da preparação adequada do evento capitular, tanto em relação à convocação quanto às modalidades do seu desenvolvimento. Foi examinado, de modo particular, o “roteiro de reflexão” predisposto

pela Comissão Técnica. As indicações oferecidas pelo Conselho Geral – sobre vários aspectos tratados – serão úteis ao Regulador e às comissões preparatórias.

c) Algumas decisões operativas

Entre as decisões operativas tomadas durante a sessão, assinalam-se as seguintes:

Nomeação de um Delegado, com faculdades especiais, para a região Ruanda-Burundi-Goma. O Reitor-Mor com o seu Conselho – examinando novamente a situação difícil da região que compreende as nações Ruanda e Burundi e a zona ao redor de Goma, na República Democrática do Congo – considerando as graves dificuldades de comunicação (já relevadas outras vezes), decidiu conferir ao *Delegado do Inspetor de Lubumbashi*, nomeado para essa região, algumas faculdades especiais, para facilitar a animação e coordenação. Apresenta-se no n. 5.5 destes ACG o decreto do Reitor-Mor a respeito.

O processo de reunificação das duas Inspetorias Vênetas. O Conselho Geral, na perspectiva da reunificação das duas Inspetorias Salesianas do Trivêneto – Inspetoria “San Marco” de Veneza-Mestre e Inspetoria “San Zeno” de Verona – já considerada outras vezes, examinou atentamente o resultado da consulta, promovida pelo Reitor-Mor, e feita aos irmãos, conforme

o art. 157 das Constituições. Avaliando os resultados e levando em consideração as observações feitas pelos irmãos, como também os elementos surgidos em encontros anteriores com os Conselhos Inspeccionais, o Reitor-Mor e seu Conselho definiram um caminho para a reunificação que, em perspectiva, deveria concluir-se em 2003.

Sistematização das “Camerette de Dom Bosco” em Valdocco. O Conselho Geral examinou um projeto de sistematização das *Camerette* de Dom Bosco em Turim-Valdocco. O próprio Conselho pediu aos Superiores da ICP que o estudassem e predisusessem por técnicos competentes.

Foram feitas, em relação ao projeto apresentado – que compreende uma parte arquitetônica e uma integração de multimídia – algumas observações em vista de uma realização mais profícua.

Permanece o entendimento de proceder a uma organização adequada desses espaços, tão precio-

sos para nós, em vista da sua sempre melhor utilização do ponto de vista pastoral.

Exame e aprovação do balanço 1999. O Conselho examinou o balanço da Direção Geral Obras de Dom Bosco, relativo ao exercício de 1999, apresentado pelo Economista Geral. Após um estudo cuidadoso, deu a sua aprovação, conforme os Regulamentos Gerais.

A sessão plenária foi marcada intensamente pela doença e intervenção cirúrgica muito séria sofrida pelo Reitor-Mor, nos primeiros dias de julho, como está apresentado na crônica do próprio Reitor-Mor. O Vigário e os Conselheiros seguiram constantemente o Reitor-Mor, acompanhando-o de perto nos dias de hospitalização e na sucessiva convalescença.

As reuniões do Conselho continuaram, para cumprir o programa fixado no início da sessão, sob a presidência do Vigário, P. Luc Van Looy, que se manteve em contato constante com o Reitor-Mor.

5.1 Estréia do Reitor-Mor para o ano 2001

Apresenta-se o texto da Estréia do Reitor-Mor para o ano 2001. Ela continua a inspirar-se no Grande Jubileu de 2000, cujos frutos o Reitor-Mor convida a recolher. Entre eles, leva a atenção particularmente ao trabalho missionário – “espírito e solidariedade missionária” – à luz da grande expedição extraordinária de 11 de novembro de 2000.

O texto da Estréia é este:

CRISTO, DOM PARA TODOS.
REAVIVEMOS,
COMO FRUTO DO JUBILEU,
O ESPÍRITO E A SOLIDARIEDADE
MISSIONÁRIA.

5.2 A “cultura da Família Salesiana” para realizar sinergias eficazes

Intervenção do Reitor-Mor na conclusão do Encontro dos Conselhos da FS

Apresenta-se o texto da intervenção do Reitor-Mor na Assembléia dos Conselhos Gerais dos Grupos da Família Salesiana, realizada em Roma – “Salesianum” – de 31 de maio a 5 de junho de 2000,

por convocação do próprio Reitor-Mor.

A intervenção oferece uma visão de síntese sobre os dias do encontro e dos trabalhos realizados, dando algumas indicações e orientações para o futuro.

Estamos nos últimos compassos de nossa reunião, que alguém definiu como “histórica”. Segundo a programação, a intervenção do Reitor-Mor encerra os trabalhos. Com ela termina a reflexão destes dias. Em seguida, celebraremos a Eucaristia, que é um aspecto importante da nossa experiência espiritual; haverá, ainda, o momento de fraternidade do almoço e, enfim, a despedida que, como momento de fraternidade, vale quanto o almoço e, às vezes, mais ainda, porque sempre carregada de recordações, sentimentos e expectativas.

Uma palavra de agradecimento

É obrigatório agradecer, antes de tudo, aos que, após a decisão do Reitor-Mor de convocar este encontro, tiveram a tarefa de prepará-lo e acompanhá-lo em todo o seu desenvolvimento: P. Antonio Martinelli que, como sabeis, é, na Congregação Salesiana, o Conselheiro do

Reitor-Mor para a Família Salesiana; os que foram nomeados pelo Reitor-Mor como assistentes ou delegados de grupos particulares que, desde o tempo de Dom Bosco, são assistidos pelos Salesianos, e que formam uma equipe de reflexão e trabalho: P. Patrick Laws, P. Henri Alen, P. Corrado Bettiga e P. Julio Olarte.

Devo agradecer, também, ao Diretor e ao pessoal da Casa Geral, empenhados na acolhida. Vistes que há um irmão coadjutor encarregado do “Salesianum”. Agradeço, ainda, aos relatores dos diversos grupos, que se ocuparam na própria apresentação com diligência e muita criatividade.

Um obrigado particular a todos os participantes, e, primeiramente, aos Responsáveis Maiores. Não era fácil empenhar o Conselho inteiro dos SDB, FMA e outras Congregações ou Institutos de vida consagrada ou grupos leigos; estes últimos também por razões de trabalho e despesa. A resposta foi pronta e confiante. Não vi hesitação em nenhum deles.

Participação e resultados

A participação foi viva e atenta na complexidade que pressupõe o caminho comum de reflexão, feita por 20 e mais grupos. A conquista de conclusões convergentes foi também rápida, sobretudo das substanciais, pois é prudente e sábio dar-se um tempo ulterior de aprofundamento àquelas que são opi-

náveis. Notei em todos a vontade manifesta de continuar o caminho iniciado.

Isso quer dizer que o encontro, indicado como Assembléia, só em sentido informal, não jurídico, já obteve seus resultados mais importantes, que são *o encontro e a atualização do conhecimento recíproco*, em relação à reunião de 1988, porque, como vos dizia no início, a Família Salesiana de 2000 é diversa daquela de 1988.

Outro resultado é a tomada de consciência da *extensão geográfica e da vivência real* da Família Salesiana, o que diz claramente que ela não é um “*Ens rationis*”, mas um ser cheio de vida em suas diversas partes. Pudemo-lo perceber já a partir da exposição de cada grupo, como também em nossas conversações e intercâmbios informais.

Entrevimos, outrossim, *novos níveis de comunhão*, além dos já realizados até o momento. O nosso encontro foi uma experiência de comunhão, que nos fez descobrir novas possibilidades, caminhos e modalidades diversas para realizar a comunhão “em rede”, como se diz hoje. A comunhão reforça-se quando novas ligações são estabelecidas, e esta foi uma oportunidade de fazê-lo.

Linhas para o futuro

São, também, fruto desta reunião as linhas surgidas para o trabalho futuro, em vista de um esforço conjunto mais visível e mais concreto na linha da missão.

São muitas as propostas a avaliar, levando em conta o desenvolvimento da vida e de uma certa prioridade. Vendo as últimas folhas que foram entregues, constatei o grande número de propostas: não será certamente possível realizá-las todas ao mesmo tempo, e algumas, percebe-se, podem ser integradas em outras. Criamos, de alguma maneira, um “banco” de propostas, entre as quais poder efetuar uma escolha racional e ponderada.

A Carta da Missão

Entre os resultados do encontro, a reflexão sobre a possibilidade de fazer comunhão na missão e para a missão, e o conseqüente documento declarativo de intenções e convergências, a *Carta da Missão*, representa um dos pontos mais importantes.

Gostaria de sublinhar o caráter deste documento, mesmo com o risco de repetir-me em algum ponto. Trata-se de uma declaração de intenções e orientações, não de um texto legislativo ou regulamentar, do qual se possa exigir obediência pontual. O seu objetivo primeiro é criar consciência; deve servir, por isso, para formar os grupos e cada membro dos diversos grupos. Deve provocar sinergias variadas, múltiplas e não institucionalizadas. É importante dizer que já é possível a sua utilização a partir deste momento, desta redação, embora ainda não perfeita, porque serve para criar “mentalidade”. O mesmo acontece-

rá depois que a entregarmos numa edição quase perfeita, segundo as nossas forças. Ela, então, poderá ser usada também nesse sentido.

As sinergias na missão

A referência à Carta da Missão dá-me a oportunidade de acrescentar alguma coisa sobre as condições de *possíveis sinergias na missão*.

Devemos ter presente, antes de tudo, que já temos uma missão comum, e a estamos realizando. É a missão articulada pelo Espírito Santo em diferentes serviços e iniciativas, em diferentes modalidades de intervenção e em convergência de objetivos, conteúdos e métodos, como se lê nas Constituições ou Estatutos de vários grupos. O Espírito Santo já o fez quando produziu do tronco salesiano, o nascimento de um ramo novo com uma modalidade específica de realização da missão. Isso deve-nos fazer entender que a primeira condição para a missão comum é que cada grupo realize, com o maior esforço possível, a própria missão, que lhes infunda vitalidade contínua, e que seja criativo no realizá-la.

Tudo isso já é 95% da missão comum da Família Salesiana. O Espírito, de fato, articulou-nos em grupos masculinos e femininos, grupos de consagrados e de leigos, presença entre a juventude, entre os doentes, entre os povos a evangelizar etc. Se cada grupo, com o espírito e os objetivos já declarados no próprio Estatuto e que são correspondentes

à espiritualidade salesiana, realizar essa finalidade, teremos garantidos 90 ou 95% da missão salesiana.

A primeira grande ajuda e a melhor realização da própria carta da Missão é a consciência da *complementaridade* numa grande missão, à qual deve seguir, da parte de cada grupo, a abertura e a disponibilidade ao apoio e sustento da missão comum.

Nossos tempos, porém, permitem e exigem *novas expressões da missão comum*. Hoje, como sublinharam os grupos, há causas transversais (como o abuso das crianças, o problema da paz, a questão da mulher...) que nos podem ver empenhados lado a lado. Há, sobretudo, a solidariedade global, que se vai exprimindo em diversas formas e busca adesões, declarações públicas, pressões sobre os organismos que orientam a vida das nações e do mundo. E há, também, novas possibilidades de comunicação e ligação “em rede”, levando a várias formas de intervenção e a ativar sinergias que não eram possíveis antes. Queremos fazer frutificar as possibilidades ainda inexploradas na missão salesiana e colher as oportunidades que o nosso tempo nos oferece, fazendo convergir capacidades adquiridas e criatividade inovadora.

Os recursos

A que recursos nos voltamos?

Primeiramente, à formação das pessoas e ao reforço das comunidades ou grupos.

Precisamos, porém, elaborar e adquirir uma *cultura ou mentalidade carismática comum*, para o que deve servir a Carta da Missão.

O apoio organizativo é certamente útil, mas ele tem valor só subsidiário, e deve ser adequado às exigências e situações concretas.

Continuamos a crer, portanto, que a Família Salesiana é, antes de tudo, ainda hoje, uma realidade carismática, cujos grandes recursos são o Espírito e a criatividade, e tudo isso apoiado numa suficiente estrutura organizativa.

Co-responsáveis, não condicionados

Sobre a missão, digo-vos ainda uma outra coisa. Dizemo-nos “*co-responsáveis*” na missão. Devemos ter presente, porém, que a missão se refere a campos variados de realização (áreas, dimensões), aos objetivos, ao espírito. O que não implica necessariamente co-responsabilidade em toda iniciativa ou em cada território. À medida que se desce da visão de amplo respiro à realização concreta da missão, vai-se vendo se são convenientes colaborações bilaterais, trilaterais, sem nos ancorarmos a priori em alguma estrutura global que oriente preventivamente a totalidade. Ter um objetivo claro e seguir o curso da vida e da realidade é o que convém, como repetimos também nestes dias sobre o “pensar globalmente e agir localmente” dando forte vitalidade às células, aos organismos essenciais, aos organis-

mos intermediários e, finalmente, à estrutura última.

Alguns campos ou aspectos, onde já estamos colaborando, exigem, talvez, uma outra palavra de comentário.

Os jovens

Procuramos todos trabalhar com o maior número de jovens em diversas iniciativas. Vai-se consolidando entre os jovens, especialmente nos últimos tempos, os grupos juvenis que desejam fazer um caminho de crescimento humano e de fé, de acordo com o Sistema Preventivo, que não é só metodologia, mas também um modo de conceber os conteúdos. Surgem nos grupos os *líderes* que se chamam animadores, acompanhantes etc. Sabeis que existe o *Movimento Juvenil Salesiano*: ele é como um lago coletor da convergência dos grupos que se formam em todos os ramos e desejam participar da espiritualidade comum. Esta é uma oportunidade oferecida a todos. Até agora, a colaboração foi mais forte entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora. No último “*Confronto*”, foram convidados também os Cooperadores e pediu-se à Associação dos Ex-alunos/as que mandassem grupos juvenis de formação cristã que surgem entre eles.

Teremos, em agosto, um encontro muito importante de animadores do MJS, já definido nas dimensões e objetivos. Esta é, também, uma iniciativa que se concordou entre os ramos da Família Salesiana mais próximos entre si e mais pre-

sentes no campo juvenil. FMA e Salesianos, de fato, têm uma longa experiência, muitas obras e organismos de animação ativos há muito tempo. A participação, porém, é aberta a todos os demais. A participação acontece a partir de uma plataforma que se elabora por ocasião de cada encontro ou acontecimento

É útil, para os grupos juvenis, ter uma plataforma comum de formação humana, caminho de fé e proposta vocacional, porque tudo isso realiza a concepção educativa de Dom Bosco.

Há, pois, sinergias já existentes e possibilidades de aberturas a outros no Movimento Juvenil Salesiano, que já sente ter uma consciência mundial. Em minha recente viagem à Venezuela, explicando a mensagem enviada do Colle Don Bosco, constatei o quanto a mensagem do Reitor-Mor agrega mundialmente os grupos presentes nos diversos continentes. Fiz o mesmo, também, na África.

Há, pois, um espaço juvenil em que podemos educar os jovens também às futuras sinergias e à futura solidariedade.

A proposta vocacional

Relaciona-se ao tema do MJS, o da proposta vocacional, da orientação vocacional e do nosso testemunho comum. Sabeis que Dom Bosco, que tinha um grande conceito do leigo, exultava quando podia dar à Igreja sacerdotes e consagrados. Sendo verdade, de fato, que todos têm igual dignidade e igual

chamado à santidade, é também verdade que na dinâmica temporal do Reino de Deus há vocações que movem particularmente a comunidade eclesial. Não por acaso, P. Emma dizia-me da satisfação por ter vindo tantas vocações sacerdotais do seu movimento laical. É interessante, então, que *sejamos unidos também nisso*: fazendo com que nossos grupos ou nossos jovens trilhem um caminho de formação humana e cristã, proponhamos-lhes o leque das vocações, fazendo notar também o maior empenho de *sequela Christi* representado por algumas vocações.

A finalidade dos grupos juvenis, formados pelos nossos particulares ramos da Família, não é ter uma criação de “pintinhos” para a nossa associação! Nossa finalidade é a educação cristã e a orientação do jovem para a vida. Devemos saber fazer com que chegue aos jovens o apelo de Cristo: se quiserdes ser mais significativo na dinâmica temporal do Reino, existem vocações ainda de maior empenho. Devemos ser capazes de suscitar nos jovens desejos de formação e disponibilidade, capazes de orientá-los para vocações de serviço e de grande significado (coloco entre estas, a do voluntariado), tudo no realismo do Reino.

Missões

O *campo missionário* é o terceiro onde já estamos colaborando e que a solidariedade e sinergia atual podem alargar, oferecendo novas

possibilidades. Sabeis que estamos no 125º aniversário da primeira expedição missionária e que haverá uma grande estação em nossa celebração jubilar: a *expedição extraordinária* de missionários, que se enriquece com o componente leigo. Vimos nesta assembléia que há grupos que incluem a *missionariedade* em sua própria denominação.

A missionariedade, contudo, tem diversidade de expressões e iniciativas e, especialmente neste tempo, fala-se de solidariedade globalizada. Há novas possibilidades. Há possibilidade de diversas formas de presença pessoal, de “*gemellaggio*” e de apoio à distância. Retornando da África e vendo a diferença entre os dois mundos, o europeu e o africano, dizia comigo mesmo: como seria belo se houvesse uma rede de “*gemellaggi*”, capaz de veicular recursos para realidades onde há mais necessidade; e, lá onde há forças disponíveis, estar abertos a colaborações temporárias ou mesmo definitivas. Isto serve para projetar e, depois, também, criar sinergia.

O Boletim Salesiano

Outro campo onde já estamos colaborando, e muito importante também, é a nossa *comunicação* com a Igreja e a sociedade. Cada grupo tem o seu órgão de comunicação interna, que passa depois para fora do grupo. Sabeis, porém, que há uma revista ou um órgão que representa a todos: o *Boletim Salesiano*. Dizemos que é um órgão para

a Família Salesiana, para o Movimento Salesiano e para toda a opinião salesiana do mundo. Ele apresenta o ponto de vista da Família sobre a realidade que estamos vivendo e abre ao mundo uma janela sobre a realidade salesiana.

É verdade que o Boletim é administrado e levado adiante pela Congregação Salesiana. Seria pesado e supérfluo criar um grande organismo de representatividade. Vaise dando, entretanto, um sempre maior espaço de colaboração no conselho de redação e vão-se apresentando as nossas realidades, mais do que dividir as páginas “em lotes”, o que não é oportuno. Somos todos beneficiados pela imagem que o Boletim consegue criar.

Visibilidade eclesial da presença salesiana

Como foi dito em algum grupo, seria interessante, por aquilo que pensamos, pelas áreas enunciadas e outras que se podem inventar, ter uma *presença visível* da Família Salesiana. Falo, contudo, de uma presença *modestamente visível* na realidade eclesial, recusando os protagonismos demasiadamente proclamados, mas saindo do escondimento ou absentefismo. Seria preciso assumir, em alguma medida, a reserva das Voluntárias, justamente para sublinhar que mais do que uma obra de grande propaganda ou afirmação declarada deveria ser bem clara na Igreja local a nossa presença solidária com o Bispo,

com os sacerdotes; deveríamos mostrar a nossa capacidade de trabalhar por algumas causas, fazendo ver que não existimos em função de nós mesmos, mas em função da comunidade eclesial, que, por sua vez, está em função da salvação do mundo. A *carta da Missão* haverá de ajudar-nos certamente a dar uma contribuição substancial, em que entrará aquilo que cada grupo e pessoa pode oferecer.

Colaboração com os Bispos Salesianos

Desejo sublinhar este ponto porque, como fruto do ano jubilar, convocaremos os nossos Bispos (no ano que vem) e falaremos aos Bispos Salesianos, também, da disponibilidade particular de todos os membros da Família Salesiana em colaborar com eles na promoção e animação da Diocese. Procuraremos fazer isso sem muito rumor, para não comprometer os próprios Bispos. As Dioceses de Bispos Salesianos poderiam ser um dos terrenos de prova da nossa capacidade de presença, não só nos ambientes da Família Salesiana, mas justamente nas Dioceses, para poder depois passar a outras. Recordo-vos o que dizia no primeiro dia, comentando as palavras de Dom Bosco: “Vós sois colaboradores de Deus com o espírito salesiano”. Onde for possível e conveniente, trabalhai perto dos Salesianos e com eles. O sonho, porém, é que possais ser nas Igrejas, paróquias e dioceses colabora-

dores válidos, defensores da comunidade cristã sob a ação unificadora do bispo e dos sacerdotes.

A cultura da Família Salesiana

Quero fazer uma última reflexão sobre a *continuação deste encontro*. Penso que o seu caráter “histórico” esteja ligado mais ao fato de ser realizado em 2000 e terem sido convocados os Responsáveis Maiores e seus Conselhos. Para que isso? Para que a *cultura da Família*, isto é, a visão e a mentalidade de trabalhar como Família, passe a todo o grupo que guiais através do vosso serviço de animação, governo e formação. De tal modo que os sócios de cada grupo se tornem conscientes disso e estejam prontos às sinergias, convergências, colaborações múltiplas, diversas, ágeis, atualizáveis, que auguramos quando dissemos que não deve ser uma grande organização a sancionar as coisas a serem feitas a partir do vértice, mas um forte impulso de espiritualidade a vitalizar as células e os órgãos, para que, depois, eles busquem e atuem as colaborações possíveis.

O esboço da *Carta da Missão* poderá vos servir desde agora, para que possais assumir a partir dela as idéias substanciais a transmitir. Estou convencido de que, muito mais do que a Carta, haverá de servir-vos a experiência feita nestes dias: experiência de convivência, espiritualidade, fraternidade, que elevou muito o nível de confiança interior,

o apreço pelas possibilidades que têm o carisma e a Família real de Dom Bosco.

Com as orientações da *Carta da Missão* e com a crescida confiança que vem da nossa experiência de espiritualidade e fraternidade, caminhamos para o futuro, a começar de amanhã ou, se quiserdes, de hoje, melhor ainda, de agora, com a oração eucarística, para que Deus torne possível o que sonhamos juntos.

5.3 Mensagem do Reitor-Mor ao Fórum MJS

Apresenta-se a mensagem que o Reitor-Mor dirigiu, em 12 de agosto, aos jovens, animadores e animadoras, participantes do Fórum do MJS no Colle Don Bosco. É uma mensagem que traz, em síntese, algumas linhas fundamentais do MJS, amadurecidas na experiência destes anos, e oferece preciosas “indicações de percurso” e orientação para o futuro.

O Movimento Juvenil Salesiano tem uma história a contar

O Movimento Juvenil Salesiano tem uma história. Podemos afirmar, sem mais, que nasceu com Dom Bosco, ao redor da experiência típica e original que foi o *Oratório*. O ambiente educativo de Valdocco – como, aliás, em seguida também o de Mornese – revelou-se fértil no estímulo ao empenho e prota-

gonismo dos jovens. Pensemos nas diversas “*companhias*”, através das quais os jovens eram envolvidos em experiências significativas de grupo, para o próprio crescimento e formação e para a animação do ambiente oratoriano, mas também para a presença solidária no território e na cidade. Recordemos, por exemplo, a assistência generosa prestada pelos jovens do Oratório aos doentes atingidos pela cólera na famosa epidemia explodida em Turim em 1854. Nesse ambiente, rico de propostas e valores, floresceu a santidade de Domingos Sávio, mas também a generosa disponibilidade de tantos outros jovens com os quais Dom Bosco deu origem à Congregação Salesiana.

Indo, ainda, mais atrás no tempo, podemos dizer que o MJS nasce justamente aqui no Colle, com as primeiras experiências de apostolado que João Bosco, menino e adolescente, promoveu com amigos e companheiros de brincadeiras e estudo. Basta recordar a “Sociedade da alegria”!

Os tempos mudaram, naturalmente, e também as experiências associativas transformam-se e evoluem. O contexto social, cultural e eclesial de hoje é, seguramente, diverso daquele do século dezenove. Igualmente transformam-se as questões educativas e multiplicam-se os desafios. As intuições das origens, contudo, conservam a sua perene atualidade e fecundidade no tempo. E assim, a partir dos anos 70, deu-se início à reconstrução do MJS, como

conjunto de grupos e associações capazes de responder às expectativas dos jovens, no contexto de uma realidade social e eclesial em transformação rápida: uma constelação de grupos, cristãmente identificados, que se reconhecem na *Espiritualidade Juvenil Salesiana (EJS)* como caminho de crescimento e itinerário de fé. A espiritualidade comum e a sempre mais intensa comunicação são os vínculos de união e pertença a esse vasto Movimento.

A última fase do desenvolvimento do MJS é caracterizada fundamentalmente ao redor de três linhas de ação:

a. *A EJS, de que se toma sempre maior consciência e conhecimento*: sua formulação em alguns núcleos fundamentais, o estudo e a reflexão ao redor dela, a tentativa de testemunhá-la na vida concreta, respondem aos questionamentos dos jovens que buscam um estilo de vida cristã, inspirado no carisma salesiano, num mundo pluralista e globalizado, confuso e inquieto, com múltiplos modelos e propostas, freqüentemente contraditórios, com problemas sérios de consciência e sentido.

b) *A preocupação com a comunicação sempre mais freqüente e sempre mais qualificada*, com a criação de pontos de referência e ordenação nos vários níveis e em raio sempre mais amplo. Os níveis nacionais criaram os próprios órgãos de ligação e os próprios momentos de encontro, com o prota-

gonismo crescente dos jovens. Também em nível mundial, cresceu essa comunicação recíproca e proveitosa. Em 1988, no centenário da morte de Dom Bosco, o MJS manifestou-se com vivacidade e cresceu na consciência da própria identidade. Realizaram-se, depois, na Europa o *Confronto 92* e o *Confronto 99*, com outros encontros semelhantes na América Latina e na Ásia. Agora, tem lugar este *FÓRUM* internacional. Falei de comunicação qualificada, porque se iniciamos com momentos de festa – e jamais deveremos renunciar a este aspecto, pois faz parte da nossa espiritualidade – chegamos ao confronto e ao intercâmbio sobre temas substanciais da nossa espiritualidade, deixando-nos interpelar também pelos desafios do nosso tempo, que nos chamam em causa como educadores e animadores.

c) *A formação dos animadores e animadoras.* Os animadores e animadoras têm uma importância particular na comunicação da EJS, na tradução em itinerários educativos diferenciados, na ligação em nível local, nacional e internacional. É, por isso, um sinal positivo, a passagem da preparação rápida e irregular à sistemática, da preparação ocasional à projetada e pensada. Deu-me satisfação assistir, em diversas partes do mundo, o momento do projeto do plano de formação dos animadores, com programações também plurianuais, e indicações precisas de objetivos, conteúdos e experiências etc.

De tudo o que afirmamos até aqui, podemos dizer, então, que o MJS não é um desejo ou um sonho: *é uma realidade!* Constatou-o nas visitas aos diversos continentes, quando me encontro, às vezes, com toda a realidade do MJS em sua globalidade de expressão; outras vezes, com aqueles que, de modo mais consciente e explícito, fizeram própria a proposta salesiana e formam o “núcleo animador”, como sois vós aqui no *Fórum*, representando tantos outros vossos amigos e amigas.

- Este Movimento é realmente *juvenil*, formado na grande maioria por jovens, que, porém, não desdenham nem subestimam a presença e a amizade dos adultos, consagrados e leigos, que caminham com eles. É juvenil pelo estilo e pela modalidade de animação e envolvimento. Criou-se, em muitos lugares, um “conselho” de jovens, que funciona com regularidade e cuida também da presença e representação no interior da Igreja local.

- É um Movimento *educativo* original. Há vários níveis de identificação e de pertença e intensidade diversa de participação e de envolvimento. Nele, todos podem participar: crianças, adolescentes, jovens e também adultos; juntos, educam-se e formam-se. O MJS torna-se, para muitas pessoas, o lugar no qual se recarregar de energia, beber nas fontes da espiritualidade, identificar-se com alguns valores fundamentais a traduzir depois nas opções concretas de vida.

• É um Movimento *mundial*. Há, aqui no *Fórum*, um sinal evidente da sua internacionalidade. Ele é, porém, muito mais extenso do que as representações aqui convocadas e reunidas. Isso tudo é uma grande oportunidade para trabalhar “em rede”, agindo em favor de todas as causas que se referem à dignidade da pessoa, à promoção dos jovens, à solidariedade com os pobres, à nova evangelização. Esta mundialidade pode ser também ocasião para criar “*gemellaggi*” entre grupos e países, entre associações e obras; e, ainda, para individualizar sinergias e colaborações possíveis com as Igrejas locais e com as instituições civis.

O Movimento Juvenil Salesiano tem um futuro a construir

Agora, depois de ter percorrido brevemente a história do MJS e individualizado os passos dados, quais as instruções para o Terceiro Milênio, quais as perspectivas a vos oferecer, jovens do *Fórum* aqui presentes e a toda a vasta realidade do MJS no mundo? Eis algumas indicações que vos faço, com os votos de que possam ser *uma indicação do percurso* para continuar o prometedor caminho do MJS.

1) *Vivei até o fundo a proposta de vida cristã, oferecida por Dom Bosco: a Espiritualidade Juvenil Salesiana.*

O Papa definiu Dom Bosco como “mestre de espiritualidade ju-

venil” (cf. *Iuvenum Patris*, n. 5), porque ele soube tornar vivo o Evangelho para os jovens, acolhendoo-os em suas expectativas e vontade de viver. Ele é o iniciador de uma verdadeira escola de espiritualidade apostólica, nova e atraente. Realiza a sua santidade pessoal através do trabalho educativo vivido com zelo e coração apostólico, e sabe propor, ao mesmo tempo, a santidade como meta concreta da sua pedagogia. Dizia muitas vezes aos jovens: “Quero que sejais felizes no tempo e na eternidade”, em plena sintonia com as palavras de Jesus no Evangelho de João: “Disse-vos isto para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja plena” (*Jo* 15,11).

Contra a suspeita, enraizada ainda em muitos jovens, de que a vida cristã é um obstáculo ao pleno e autêntico desenvolvimento humano, Dom Bosco oferece-vos uma proposta de espiritualidade que vos ajuda a viver intensa e plenamente todos os aspectos da vossa vida e todas as dimensões da vossa existência. Escolher Jesus como Amigo, Mestre e Salvador não significa escolher um Deus que vos constringe ou vos limita, que vos entristece ou vos bloqueia; significa escolher o Deus da vida, que quer a vossa plena realização e a vossa felicidade autêntica.

Vivei estes valores e esta espiritualidade, e comunicai a todos a alegria de seguir a Cristo no estilo de Dom Bosco! Como fareis dentro de alguns dias em Roma, quando

através dos diversos momentos da Jornada Mundial sereis convidados a tomar consciência do patrimônio de fé e testemunho de que sois herdeiros (*traditio*), e assumir o compromisso missionário para o Milênio que começa (*redditio*).

Mirai o alto e não vos contenteis com as “meias-medidas”, em vosso caminho de fé. Sois chamados, também, à santidade; santidade construída na vida quotidiana, vivendo na alegria e no otimismo, no cuidado da amizade com Cristo, no trabalho eclesial e no serviço responsável. Senti-vos chamados, sobretudo, a ser evangelizadores de vossos companheiros: oferecei-lhes a mensagem do Evangelho através da amizade cordial, do serviço generoso e da contagiosa alegria de viver.

2) Vivei a vossa vida como vocação e serviço.

Todo jovem deve encontrar no MJS o ambiente no qual descobrir e amadurecer a própria vocação humana e cristã, sobretudo a sua vocação a seguir Jesus no serviço aos jovens segundo o estilo de Dom Bosco, particularmente nos diversos grupos da Família Salesiana.

Cuidai, por isso, da vossa interioridade: oração, Palavra de Deus, Sacramentos; sede generosos e constantes no serviço, recordando-vos sempre de que “há mais alegria em dar do que em receber” (At 20,35); cuidai, também, do vosso crescimento afetivo, optando sempre pela autenticidade e plenitude

do amor. Empenhai-vos no conhecimento das várias e múltiplas vocações na Família Salesiana e na Igreja; individualizai e escolhei com coragem o projeto que Deus pensou para cada um de vós, fazendo-vos ajudar e acompanhar em vosso caminho de discernimento.

Vós, sobretudo, educadores e animadores do MJS, considerai o vosso serviço como um verdadeiro e próprio serviço vocacional; não trabalhai “em nome próprio”, mas senti-vos sempre colaboradores do Espírito de Jesus, que vos chama a educar e evangelizar outros jovens. Vivei o serviço vocacional como atitude fundamental da vossa vida, não somente de modo esporádico e temporário, mas de forma constante e continuada.

3) Cuidai da vossa formação.

A responsabilidade e a animação do MJS exige vida cristã sólida e identidade salesiana forte. Encorajai-vos, por isso, a cuidar com atenção especial da vossa formação pessoal:

- formação que vos torne capazes de viver com profundidade a vossa vocação cristã e o vosso serviço de animação;
- formação que vos torne capazes de ser protagonistas na animação do MJS, capazes de transmitir os valores da EJS, capazes de acompanhar os grupos e cada pessoa em seu desenvolvimento humano e cristão;
- formação que vos ajude a avaliar criticamente e atuar com eficácia

cia opções e empenhos, para estar presentes de modo propositivo e com competência no contexto social e cultural em que viveis;

- formação, enfim, que vos ajude a levar ao amadurecimento os vossos recursos de natureza e graça, a serem oferecidos com alegria pela vida e salvação de todos.

4) Senti-vos protagonistas e responsáveis do MJS e envolvi nessa experiência muitos outros jovens.

O MJS está em vossas mãos; este encontro é um sinal do crescimento e maturidade do Movimento na Família Salesiana. Dom Bosco queria que o associacionismo salesiano fosse uma coisa não só “para” os jovens, mas “dos” jovens, no qual eles mesmos se sentissem protagonistas.

Como educadores e animadores, Deus vos confia o MJS como um dom para a vossa vida e para a vida de muitos companheiros e amigos vossos. Sede, então, multiplicadores entre os jovens, na sociedade e na Igreja, deste dom de Dom Bosco, da sua espiritualidade e da sua pedagogia. Comunicai com alegria a riqueza da experiência que vivestes; testemunhai os valores da EJS, de que estais conscientes e que escolhestes como estilo de vida; criai movimento, buscando envolver muitos outros jovens, sobretudo os que não vivem em grupo, os mais pobres, os que não têm referências, os que buscam, os que estão distantes...

Fazei crescer o MJS, promovendo a ligação entre os diversos gru-

pos e as múltiplas expressões juvenis, tanto no interior das obras e presenças salesianas, como nos muitos lugares e ambientes juvenis “além dos muros” das casas salesianas...

Senti-vos construtores do reino de Deus, como jovens empenhados no MJS, através da inserção viva no território e na Igreja para transformá-la e enriquecê-la com o estilo e os valores do carisma salesiano.

Convido-vos, particularmente, a serdes promotores da defesa da vida em todas as suas formas, empenhados na construção da civilização do amor fundada na justiça, na paz, na solidariedade e no respeito de cada pessoa, contra toda discriminação devida à raça, língua, situação econômica e política e à religião; manifestai em vossos ambientes juvenis o anúncio libertador do Evangelho, segundo as palavras do apóstolo Paulo: “Não há mais judeu nem grego; não há escravo nem homem livre; não há homem nem mulher Vós todos sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28).

5) Entregai-vos confiantes a Maria, que nos foi dada por Jesus como Mãe e Mestra.

Queridos jovens, sabeis o quanto Dom Bosco amou Maria e sentiu-a em toda a sua experiência de vida como a Mãe e Mestra dada por Jesus, para si e para todos os seus colaboradores. A Ela confiava sempre os momentos mais importantes e as obras mais decisivas, seguro da sua ajuda materna. A Ela, que cele-

braremos nestes dias em sua “Assunção na glória”, entreguemos todo o nosso entusiasmo e os sonhos do nosso coração, para sermos protagonistas corajosos e entusiastas no alvorecer do Terceiro Milênio.

5.4 Novos Inspetores

Apresentam-se alguns dados dos Inspetores nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária de junho-julho de 2000.

1. *ÁLVARES DIAZ Armando, Inspetor de Medellín, Colômbia.*

P. Armando *ÁLVAREZ DÍAZ* é o novo Inspetor da Inspeção “San Luis Bertrán” de *MEDELLÍN (Colômbia)*. Substitui ao P. Vidal Niebles, no final do seu mandato.

Nascido em Medellín no dia 22 de outubro de 1951, é salesiano desde 18 de janeiro de 1971, quando emitiu a sua profissão em Rionegro, onde fez o Noviciado. Professo perpétuo em 1977, fez os estudos teológicos no estudantado salesiano de Bogotá e concluiu-os com a ordenação presbiteral em Medellín em 15 de agosto de 1979.

Após a ordenação completou os estudos conseguindo a licença em Teologia e em Ciências da Educação. Enviado à comunidade formadora de Rionegro, foi nomeado seu diretor em 1987. Transferido à Casa Inspeção em 1994, foi inserido no Conselho Inspeção. Foi, depois, nomeado diretor do Colégio “El

Sufragio” de Medellín. Em 1977, foi chamado a desenvolver o encargo de Vigário do Inspetor e Diretor da Casa Inspeção, cargo que ocupava quando da sua nomeação para Inspetor.

2. *BASTRES FLORENCE Bernardo, Inspetor da Inspeção “São Gabriel Arcanjo” de Santiago do Chile.*

O P. Bernardo BASTRES FLORENCE foi chamado a suceder ao P. Natale Vitali na animação e guia da Inspeção do *CHILE*.

Nascido em Santiago do Chile no dia 21 de fevereiro de 1955, Bernardo Bastres emitiu a primeira profissão salesiana em 14 de abril de 1974 em Santiago – La Florida, onde tinha feito o ano de Noviciado.

Feitos os estudos filosóficos e pedagógicos e o tirocínio prático, frequentou os estudos de teologia no estudantado teológico de Santiago do Chile, concluindo-os com a ordenação sacerdotal em Santiago no dia 31 de julho de 1982.

Após alguns anos de ministério educativo e pastoral foi enviado a Roma, Universidade Pontifícia Salesiana, para completar os estudos e ser inserido no caminho da formação, tendo conseguido a licença em direito canônico.

Retornando à Inspeção, depois de um ano passado em Santiago – La Cisterna, em 1990 foi nomeado diretor do pré-noviciado e, em 1992, diretor do estudantado filosófico de Santiago – La Florida. Em 1993 foi

inserido no Conselho Inspetorial, no final do sexênio como diretor do pós-noviciado. Em 1998 foi transferido – também como diretor – ao teologado de Santiago. Em todos esses anos também esteve empenhado na docência.

3. *BOGUSZEWSKI Henryk, Superior da Circunscrição Especial do LESTE Europeu.*

P. Henryk *BOGUSLEWSKI* sucede ao P. Zdzislaw Weder como guia da *Circunscrição Especial do LESTE Europeu*, com sede em Moscou.

De origem polonesa, nasceu em Slupsk no dia 27 de julho de 1946. Conhecendo os salesianos nos tempos difíceis do regime comunista, fez o Noviciado em Czerwinsk, onde emitiu a primeira profissão salesiana em 2 de agosto de 1963. Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático, nas condições então possíveis, pôde seguir o curso de teologia no estudantado salesiano de Lad, onde recebeu a ordenação sacerdotal em 19 de julho de 1973.

Seguiram-se vários anos de ministério pastoral, realizados nas obras salesianas da Inspetoria de Varsóvia. Em 1992, quando 5 depois da abertura das fronteiras – foi mais fácil para alguns irmãos entrar na antiga União Soviética, foi para Belarus onde exerceu o cargo e pároco e depois, também, de diretor da obra salesiana em Asmiana – Baruny. Foi inserido em 1994 no Conselho da nova Circunscrição

Especial e enviado, em 1997 para iniciar a nova comunidade formadora do pós-noviciado em São Petersburgo. Desde abril de 1998 era diretor dessa comunidade.

4. *CARDOZO RAMOS Miguel Angel, Inspetor da Inspetoria do Paraguai.*

P. Miguel Angel *CARDOZO RAMOS* foi nomeado novo Inspetor da Inspetoria “*N. S. de la Asunción*” do Paraguai. Sucede ao P. Cristóbal López, no final do seu sexênio.

Nasceu em Assunção no dia 8 de março de 1952 e é salesiano desde 31 de março de 1982, quando emitiu a primeira profissão em La Plata, Argentina, na conclusão do ano de noviciado. Feitos os estudos filosóficos e pedagógicos no pós-noviciado de Lorena, Inspetoria de São Paulo, foi enviado a Roma, onde frequentou o curso de teologia da Universidade Pontifícia Salesiana. Foi ordenado presbítero no Paraguai, em Minga Guazú, no dia 15 de agosto de 1990.

Concluídos os estudos, depois de um ano no colégio “Mons. Lasagna” de Assunção, foi inserido na equipe de animação da Casa Inspetorial e no Conselho Inspetorial. Em 1994 foi nomeado Vigário do Inspetor, com o encargo também de diretor da casa do pós-noviciado. Em 1999 foi transferido como diretor ao colégio “Mons. Lasagna” de Assunção.

5. *FILIPPIN Claudio, Inspetor da Inspetoria “San marco” de Veneza-Mestre.*

O P. *Claudio FILIPPI* foi nomeado como guia da Inspetoria “San Marco”, com sede em VENEZA-MESTRE, sucedendo ao P. Roberto Dissegna, que concluiu o próprio sexênio.

Nascido em Vallà di Riese Pio X (Treviso) em 30 de dezembro de 1956, P. *Filippin* fez o noviciado em Albaré de Costermano (VR), onde emitiu a primeira profissão salesiana em 2 de setembro de 1973. Feitos os estudos filosóficos em Cison de Valmarino (TV) e o tirocínio prático, seguiu os estudos teológicos no seminário de Treviso, inserido na comunidade de Castello di Godego, concluindo-os na UPS de Roma. Foi ordenado presbítero na cidade natal em 17 de março de 1984.

Após a ordenação sacerdotal, completou os estudos na Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, conseguindo a licença em Ciências da Educação.

Retornando à Inspetoria, foi por muitos anos encarregado da “comunidade proposta” de Mogliano Veneto e delegado da pastoral juvenil e vocacional da Inspetoria. Em 1994 foi nomeado diretor da casa salesiana de Udine e, em 1996, inserido no Conselho Inspetorial.

6. *GORE Robert John, Superior da Visitadoria da ÁFRICA MERIDIONAL*

P. *Robert John GORE* é o novo Superior da Visitadoria da ÁFRICA MERIDIONAL. Sucede a Patrick

Naughton, que concluiu o seu sexênio.

Nascido em 4 de setembro de 1947 em Wittebome (Cidade do Cabo), África do Sul, Robert John Gore é salesiano desde 16 de setembro de 1967, quando fez a primeira profissão em Daleside-Clonlea, ao final do ano de noviciado.

Professo perpétuo em 1973, foi enviado à Irlanda – estudantado salesiano de Maynoot – para os estudos teológicos. Retornou à África do Sul para a ordenação presbiteral, que recebeu na casa salesiana de Lansdowne em 1ª de janeiro de 1978.

Após a ordenação sacerdotal, iniciou seu trabalho pastoral na obra salesiana de Daleside “Don Bosco”. Em 1981 foi nomeado Vigário Episcopal para a educação e encarregado do Centro de animação missionária. Em 1989, foi nomeado diretor da casa salesiana de Cidade do Cabo e inserido no Conselho Inspetorial. Em 1994 foi-lhe confiado o encargo de Vigário do Superior da Visitadoria AFM, cargo que ainda exercia no momento da nomeação como Superior.

7. *MULAYINKAL Thomas, Inspetor de DIMAPUR, Índia.*

Concluído o mandato do P. Varghese Palathingal, foi confiado ao P. *Thomas MULAYINKAL*, o cargo de Inspetor da Inspetoria “São Francisco de Sales” de DIMAPUR (Índia).

Ele nasceu em 2 de março de 1947 em Kolani-Kottayam, Kerala

(Índia) e fez-se salesiano em 7 de abril de 1966 em Shillong, Inspetoria do Nordeste da Índia, onde fora fazer o noviciado com espírito missionário. Passou em seguida à Inspetoria de Dimapur, quando esta foi constituída (1981).

Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático foi enviado ao estudantado de Bangalore para o curso de teologia, em cuja conclusão foi ordenado presbítero no dia 22 de dezembro de 1974. Completou os estudos conseguindo o Mestrado em Teologia.

Encontramo-lo, em seguida, trabalhando em várias missões pastorais. Em 1982 foi nomeado diretor do estudantado filosófico de Dimapur e em 1985, Conselheiro Inspetorial. Em seguida, no sexênio 1988-1994 foi Vigário do Inspetor e, ao mesmo tempo, diretor da Casa Inspetorial. Em 1994, ao final do mandato de Vigário, foi nomeado Mestre dos noviços e diretor em Imphal, cargo que ainda ocupava quando da nomeação para Inspetor.

8. *ROZMUS Tadeusz, Inspetor de Cracóvia, Polônia.*

P. *Tadeusz ROZMUS* foi nomeado novo Inspetor da Inspetoria “São Jacinto” com sede em *CRACÓVIA* (Polônia), ao final do mandato do P. Marian Dziubinski.

Nascido em 29 de abril de 1957 em Bielsko-Biala (Katowice, Polônia), ele entrou na Sociedade Salesiana com a primeira profissão emitida em 22 de agosto de 1976 em Kopiec. Seguiram-se os estudos

filosóficos em Cracóvia e o tirocínio prático. Foi enviado à Palestina, estudantado de Cremisan, para os estudos teológicos. Ali recebeu os ministérios e o diaconato; retornou à Polônia para a ordenação sacerdotal recebida em Cracóvia no dia 18 de junho de 1966. Em Jerusalém, conseguiu a licença em Sagrada Escritura.

Retornando à Inspetoria, trabalhou por alguns anos na casa de Oswiecim. Em 1992 foi-lhe confiado o cargo de diretor da casa de Swietochlowice. Era Conselheiro Inspetorial desde 1997.

5.5 Nomeação do Delegado Inspetorial para Ruanda-Burundi-Goma

Prot. N. 142/2000

O REITOR-MOR
DA SOCIEDADE DE SÃO
FRANCISCO DE SALES
(Sociedade Salesiana
de São João Bosco)

– considerando a situação social e política vivida pela região onde atuam as presenças salesianas da Delegação Inspetorial da AFC (**Ruanda:** 4 obras; **Burundi:** 3 obras) e as dificuldades de comunicação dos irmãos com o Centro de animação inspetorial com sede em Lubumbashi (RDC);

– levando em consideração que à realidade das presenças que já formavam há tempo uma Delegação Inspetorial, acrescentou-se a região de **Goma** (RDC): 2 obras, com as mes-

mas dificuldades de coordenação e relação com o Centro Inspetorial;

– ouvindo em vários momentos o Inspetor com o seu Conselho e tendo mandado uma comissão estudar as soluções possíveis para a animação salesiana normal das comunidades e obras dos dois Países e da região de Goma;

– obtendo o consenso do Conselho Geral na reunião de **9 de junho de 2000**;

nomeia

o Padre FRANS VANDECANDELARE

DELEGADO DO INSPETOR DA

ÁFRICA CENTRAL (AFC)

PARA AS NOVE COMUNIDADES ACIMA INDICADAS (Ruanda-Burundi-Goma),

embora a pertença das obras de Goma deva ser considerada temporária a esta Delegação, até que a situação da região se torne mais estável.

O Reitor-Mor confere ao Delegado as seguintes atribuições:

1. Manter-se em **contato regular com o Inspetor** para conhecer e promover suas diretrizes e sugerir e ilustrar as oportunas decisões em relação às presenças salesianas na região.

2. **Visitar as comunidades**, falar com os irmãos e orientar fraternalmente a vida religiosa e a missão das comunidades. Cabe ao Inspetor fazer a visita canônica anual, podendo pedir, contudo, ao Delegado que a faça em seu nome.

3. Promover e consolidar entre as comunidades **todos os aspectos comuns**, que possam levar essas presenças a constituírem uma Circunscrição Jurídica independente, quando houver condições, segundo o juízo do Reitor-Mor com o seu Conselho.

4. Promover, concretamente, a **adaptação do Diretório e do PEPS** inspetoriais à realidade da Delegação. O Inspetor, por sua vez, fará redigir e aprovar o **Estatuto da Delegação**, no qual seja recolhido aquilo que se estabelece neste Decreto.

5. Cuidar, entre os vários setores, da **administração** das comunidades e obras, chegando a realizar no interior da Delegação o que é exigido pelas nossas Constituições, e informando convenientemente o Inspetor e o seu Conselho. Todo o setor deverá ser organizado segundo as diretrizes da Inspetoria AFC.

6. Sugerir a **movimentação do pessoal** no interior das obras da Delegação. As cartas de obediência serão emitidas pelo Inspetor.

7. Coordenar os **Exercícios Espirituais, retiros** e outros encontros formativos ou de animação para os irmãos da Delegação.

8. Acompanhar com atenção especial a **pastoral vocacional** e a qualidade da **formação** em suas diversas etapas. Quanto a esse aspecto, assistido por um Conselho, terá o poder de **admitir os candidatos** ao noviciado, às profissões religiosas e às ordens sacras, informando sempre o Inspetor e o seu Conselho.

9. Guiar a coordenação e a formação adequada dos vários **grupos leigos da Família Salesiana**.

10. Propor a abertura de **novas casas** à decisão do Inspetor e do seu Conselho. Propor também as operações do **artigo 188** das Constituições, cabendo, contudo, ao Inspetor apresentar o pedido ao Reitor-Mor, conforme as Constituições e Regulamentos.

11. **Visitar os Bispos** das Dioceses onde trabalham os salesianos para fazer um trabalho sempre mais eclesial e eficaz.

Fica, também, estabelecido de **modo transitório:**

12. Em vista do **Capítulo Inspetorial 2001**, consideradas as dificuldades de a região participar dele, a Delegação fará uma reunião especial “à maneira de Capítulo Inspetorial” e as proposições virão a fazer parte das contribuições do CI da AFC ao CG25 (eventuais propostas em nível inspetorial deverão ser aprovadas pelo CI da AFC). Para a participação dos irmãos nessa reunião, serão seguidas normas semelhantes às estabelecidas para a participação das comunidades de uma Inspetoria ao CI. O Delegado e um representante eleito na reunião participarão do CI da Inspetoria levando os pontos de vista dos irmãos.

Ao realizar os empenhos que lhe são confiados, o Delegado manter-se-á em contato, além de com o Inspetor, também com o Reitor-Mor, através do Conselheiro Regional, mantendo-os informados convenientemente.

O Delegado agirá, nisso tudo, segundo as Constituições e Regulamentos Gerais. Quanto aos empenhos de vida religiosa, o Delegado dependerá do próprio Inspetor de origem.

O presente decreto **entrará em vigor no dia 1º de setembro de 2000** e terá a duração de **três anos** (setembro de 2000 – setembro de 2003).

Roma, 9 de junho de 2000.

P. Juan E. VECCHI
Reitor-Mor

P. Francesco Maraccani
Secretário-Geral

5.6 Nomeação do Delegado Central da Associação dos Cooperadores Salesianos

Prot. N. 00/0889
Roma, 17 de junho de 2000

P. Antonio Martinelli
Direção Geral das Obras Salesianas
Via della Pisana, 1111
00163 ROMA

Sr. Roberto Lorenzini
V. Castello, 19
37010 RIVOLI VERONESE VR

Depois de várias consultas e do estudo das diversas alternativas, em 17 de junho de 2000, designei o

P. Julio Olarte
Delegado Central da Associação dos Cooperadores Salesianos.

Desejo à Associação um desenvolvimento em quantidade e qualidade, conforme o projeto de Dom Bosco e as atuais urgências do mundo e da Igreja, e ao P. Julio Olarte uma fecunda realização da missão que lhe é confiada.

Em união de orações

P. Juan E. Vecchi
Reitor-Mor

5.7 Novo Bispo Salesiano

Dom Luigi Antonio SECCO, Bispo Coadjutor de WILLEMSTAD (Antilhas Holandesas).

O *Osservatore Romano* publicava em 24 de julho de 2000, a notícia da nomeação – pelo Santo Padre – do nosso irmão P. *Luigi Antonio SECCO*, da Inspeção da Venezuela, como *Bispo Coadjutor de Willemstad, Antilhas Holandesas*.

De origem italiana, tendo nascido em Piazzola Sul Brenta (Pádua) no dia 8 de junho de 1947, Antonio Secco partira para a Venezuela no término do aspirantado, feito em

Bagnolo Piemonte. Fez o noviciado na Venezuela, em San Antonio de los Altos, emitindo a primeira profissão em 16 de agosto de 1964. Após os estudos filosóficos e o tirocínio, foi enviado a Cremisan, Palestina, para o curso de teologia, ao final do qual foi ordenado padre, em Jerusalém, no dia 27 de março de 1975.

Retornando à Venezuela, esteve por alguns anos na comunidade do aspirantado de Los Teques – Santa Maria. Em 1979, os Superiores enviaram-no à comunidade salesiana de Curaçao, Antilhas Holandesas, da qual foi também nomeado diretor (1982-1985) e onde desenvolveu um apostolado muito apreciado. Em 1985 foi chamado novamente à Venezuela como diretor do pré-noviciado de Los Teques (1985-1991). Foi-lhe concedido ao final do sexênio, um período na UPS de Roma, para aprofundar seus estudos. Retornando, em seguida, à Inspeção, foi novamente enviado como diretor a Curaçao (1993-1997) tendo sido depois nomeado Mestre dos noviços e Diretor em San Antonio de los Altos. Aqui foi alcançado pela nomeação episcopal.

5.8 Irmãos falecidos (2000 – 3º elenco)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P AMORETTI DOMINGUEZ Juan	Madri	9-09-2000	66	SLE
P BARBIERI Dino	Roma	29-09-2000	77	IRO
P BARDINI Silvio	San Juan	04-08-2000	71	ACO
P BELLUGI Aldo	Sanremo	22-08-2000	69	ILT
L BENAZZATO Giovanni	Funchal (Madeira)	15-08-2000	78	POR
P BERNIK Paul	Dimapur	17-07-2000	83	IND
P BERTI Dino	Castelfranco Veneto (TV)	25-09-2000	76	IVE
L BRUN Noël	Montpellier	12-07-2000	78	FRA
P BUNDSCHUH Johannes	Trottenbuch (Baviera)	26-07-2000	85	GEM
P BUSATTO Mario	Turim	24-07-2000	81	ICP
P CAÑO HERNÁNDEZ José	Sevilla	12-07-2000	86	SSE
L CANTÓ Remigio	Barcelona	22-04-2000	84	SBA
P CANZIAN Antonio	Civitanova Marche (MC)	07-07-2000	85	IAD
P CHIUMENTO Michele	Nápoles	19-08-2000	88	IME
P CICHECKI Kazimierz	Lusaka (Zâmbia)	09-09-2000	81	ZMB
L COLOMBO Carlo	Arese (MI)	24-07-2000	92	ILE
P da SILVA Ramos Manoel	Recife	03-09-2000	88	BRE
P DANIEL József	Bad Tölz (Alemanha)	16-09-2000	79	GEM
P de la RIVA Eduardo	Buenos Aires	17-05-2000	89	ABA
L DURANTE Ettore	Turim	24-08-2000	74	ICP
P EGAN Michael	Limerick	19-07-2000	84	IRL
P ESPASANDIN RODRIGUEZ Alberto	Montevidéu	03-08-2000	79	URU
P FAURE Élie	Hyères (França)	20-09-2000	86	FRA
P FERNANDEZ CRUZ Enrique	Málaga	24-07-2000	86	SCO
P FINOCCHI Elio	Treviso	17-09-2000	72	IVE
P FOGARTY Edward	Cochabamba	01-07-2000	81	BOL
P GAVINELLI Giovanni	Roma	03-07-2000	88	IRO
P GIUSSANI Antonio	Vighignolo (MI)	18-07-2000	86	ILE
P GUASTELLA Raffaele	Castellammare di Stabia	28-07-2000	78	IME
P GUFLER Franz	Guiratinga, MT	25-09-2000	83	BCG
P HABIC Herman	Ljubljana	19-06-2000	77	SLO
P HOMOLA Jan	Praga	16-08-2000	69	CEP
P KACZMARCZYK Wieslaw	La Isleta (Edo. Amazonas)	17-08-2000	67	VEN
L KEPPEMS Gerard	Hoboken	21-08-2000	73	BEN
P LAIRESSE Georges	Caen	27-08-2000	84	FRA

80 ATOS DO CONSELHO GERAL

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
L LOBINA Ottavio	Turim	31-08-2000	86	ICP
P LOSS Nicolò M.	Roma	09-07-2000	79	UPS
P MAESTRO Clausio	Varazze	06-09-2000	86	ILT
P MAGNI Dante	Roma	18-08-2000	79	IRO
<i>Foi Inspetor por 4 anos</i>				
P MANDÁK Josef	Brno	21-09-2000	76	CEP
P MARTINELLI Matteo	Bari	12-09-2000	74	IME
L MEDABALIMI Lourduraj	Madras	28-07-2000	61	INM
P MIKOLAJCZAK Wincenty	Lublin	01-08-2000	76	PLS
P MOLING Serafino	General Pico (La Pampa)	18-07-2000	70	ALP
P MORERA Mario	San José (Costa Rica)	17-07-2000	100	CAM
P O'BRIEN Terence	Isleworth (UK)	11-08-2000	91	GBR
P PACHACÁMAC Manuel	Ibarra	05-08-2000	80	ECU
P PARRONDO MARTIN Luis	Málaga	04-09-2000	88	SCO
L RONCO Giuseppe	Turim	11-08-2000	69	ICP
P ROSSO Eugenio	Río Gallegos	17-08-2000	91	ABA
P SABATELLI Michele	São Paulo (Brasil)	15-08-2000	60	IRO
P SAEZ MORENO José Crispín	Sevilha	10-09-2000	74	SSE
L SANTOS Ferreira João	São Paulo	21-07-2000	71	BSP
P SARZOSA Vicente	Guayaquil	17-07-2000	83	ECU
L SCHILIRÒ Francesco	Gela (CL)	28-07-2000	79	ISI
P SERRANO Luis	General Pico (La Pampa)	19-09-2000	74	ALP
P SILVA Armando Augusto	Porto	09-07-2000	68	POR
P TRENTIN Umberto	Castelfranco Veneto (TV)	02-10-2000	87	IVE
L VALESANO Severino	Roma	25-08-2000	78	RMG
P van VLIET Bertus	Pregarten (Austria)	29-08-2000	70	OLA
P VICENZI Victor	Rio do Sul	23-08-2000	93	BPA
P VILLAR Vicente T.	Miami, Florida	02-08-2000	78	SUE
P YU Ping-chiu Thomas	Hong Kong	10-08-2000	78	CIN